

16
DEPÓSITO LEGAL
30 Julh 1947

252

MUNDO GRÁFICO



gratuito tipo

lisboeta
surpreendido
em
pleno Chiado



A VOZ DE LONDRES

— F A L A —

E O MUNDO ACREDITA!

/

NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Hora de verão	Ondas médias	Ondas curtas
13,15 Noticiário..	—	{ 13,86 m. (21,64 mc/s)
13,30 Actualidades	—	{ 19,76 m. (15,18 mc/s)
		{ 24,92 m. (12,04 mc/s)
22,00 Noticiário ..	285,7 (1.050 kc/s)	{ 24,92 m. (12,04 mc/s)
		{ 31,32 m. (9,58 mc/s)
		{ 31,55 m. (9,51 mc/s)
22,15 Actualidades.	285,7 (1.050 kc/s)	{ 31,32 m. (9,58 mc/s)
		{ 31,55 m. (9,51 mc/s)
		{ 41,96 m. (7,15 mc/s)

Sumário

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

CORDELL HULL, biografia

O AMOR DAS INGLÊSAS NA LITERATURA PORTUGUESA, por Vitorino Nemésio

O QUE O IRAK DEVE A GRAN-BRETANHA

A VIDA DOS FRANCISCANOS, por C. Sá Pereira

AS MULHERES E OS «CAFÉS», de Rodrigo de Mello

IMAGENS DA ACTUALIDADE INTERNACIONAL, dupla página gráfica

A MAIS COMPLETA REPORTAGEM DA GUERRA, com fotografias exclusivas em 4 páginas

O TAJ-MAHALL, por António da Cruz

COMO CHURCHILL COMEÇOU A OCUPAR-SE DA POLÍTICA DEPOIS DE UM DESASTRE QUE LHE IA CUSTANDO A VIDA, adaptação de Carlos Ferrão

QUAL O SÍTIO MAIS BONITO DE LISBOA? responde Armando de Lucena

A BARRAGEM SALAZAR

BANDEIRAS DE PORTUGAL

O GENERAL SIKORSKY, PRIMEIRO MINISTRO POLACO

PÁGINA FEMININA, por Aurora Jardim

AS REGATAS NO TAMISA, por C. de Oliveira

CRÓNICA ALEGRE, de Marçal Saldanha

TENTAÇÃO, novela

CINEMA, de António Lourenço



O TIO SAM PREPARA-SE PARA A LUTA

CRÓNICA ALEGRE

A Sessão de fado

Uma noite destas, estava eu muito aborrecido, encontrei o meu amigo Xafredo que para me distrair quis levar-me a um desses cafés onde se canta o fado. Não queria ir, mas o Xafredo, para me convencer, disse-me que era noite da moda no tal café e que cantava a «santa do fado», a «princesinha do fado encantado» e outras cantadeiras congêneres. O argumento era de muitíssimo peso e lá me deixei arrastar para o tal café. Como era noite da moda a clientela era rigorosamente escolhida a dedo.

Dispuz-me a ouvir as melopeias mas o primeiro cantador saiu-se com um tango absolutamente argentino. O Xafredo explicou-me que aquilo era para amenisar mas que, a seguir, ia ouvir a pura canção nacional. Afinal, ainda dessa vez não a ouvi porque a ilustre fadista cantou dois sambas. Depois, veio o «az do jocosos» que cantou a «Maria Madalena» e, a seguir, outro cantador afamado mimoseou a assistência com um «vira de Coimbra».

O Xafredo já estava um bocado impressionado, mas serenou quando anunciaram que o guitarrista e o violam fazer variações. Devo dizer que aqueles dois cavalheiros foram apresentados como professores, o que impressionou muito a assistência que estava cada vez mais selecta: os dois professores tocaram a aria dos «Palhaços» entremiada com «Lá em cima está o tiroliroliro» e o «Lá vai Lisboa», e por isso mesmo é que a composição se chamou variação.

Jam já passadas duas horas, três cafés, dois «pirolitos» e duas gasosas

e com respeito a fado ainda não tinha ouvido nem um gemido. Mas o Xafredo que tem no café um lugar de assinatura explicou-me que na primeira parte do programa era hábito os cantadores de serviço cantarem umas canções diferentes para entreter.

Aguardei ansiosamente a segunda parte e concentrei uma data de sentimento, ao mesmo tempo que fui afixvelando um ar triste, perfeitamente de harmonia com o ambiente.

Finalmente, a segunda parte começou e subiu ao estrado a «Princesinha do fado encantado». De todos os cantos do café os aplausos brotaram com estrépito e o Xafredo disse-me, ofegante e entusiasmado:

— Prepara-te! Agora é que tu vais ouvir o verdadeiro fado.

Já estava preparado, mas ainda me preparei mais e apurei o ouvido. Entretanto, a selecta assistência serenou e preparou-se também, enquanto a cantadeira azeitava a garganta e a ponta do chaille. O silêncio era absoluto. Todos estávamos ansiosos.

Então a cantadeira tossiu ligeiramente e com voz maguada disse:

— Vou cantar a «Balalaika».

Creio que desmaiei pois só dei por mim numa das mesas do Necrolério. Soube depois que me tinham levado ao hospital onde o médico de serviço me verificou o óbito. O meu amigo Xafredo já veio ver-me e reconheceu-me. Só falta que venha a família e me faça o enterro.

Marçal Saldanha

Para
conhecer
Portugal
consulte
a C. P.

Informações:

em tôdas as estações

— em Lisboa, no serviço do

Tráfego — Telefone 2 4031

— no Pôrto, na estação de

S. Bento — Telefone 1722

O AMOR DAS INGLÊSAS NA LITERATURA PORTUGUESA

por VITORINO NEMÉSIO

HÁ sempre mais ou menos uma inglesa loira no fundo de um poeta português. Inglesa, aqui, não é forçosamente uma «filha de Albion», mas essa imagem média que se forma por contraste do que temos — e o que temos em massa feminina é a morena de olhos baixos, a pele quente e a fortaleza que a família lhe põe no vestido e nos costumes. Amar aquela flor das quatro estações cansa um pouco. Depois, a inglesa de Leça ou dos cais de Lisboa começou a aparecer à rapaziada romanêsca com a forte simplicidade das suas botas e da sua blusa crua, ao mesmo tempo aérea e prática, sem medo da chuva e dos homens. Garrett meteu nas *Viagens na Minha Terra* meia dúzia de palavras inglesas e, com elas, a leveza e superioridade daquelles costumes sociais, aquelas sombrinhas no campo ao abrir dos primeiros malmequeres, os pais e os irmãos forrados de flanela e de cachimbo. Em Garrett e nas *Viagens* não havia precisamente todas estas sugestões, mas havia o seu exemplo de apaixonado de Isabel Hewson na ilha Terceira, as suas amizades amorosas de Edgbaston. O resto fizeram-no os livros dos viajantes ingleses, o vinho do Pôrto e Ramalho Ortigão.

O século XVIII e o Romantismo encheram as livrarias de jornadas que associavam os

montes e pinhais de Portugal aos caminhos de Castela e Andaluzia. Desde Dalrymple, e antes, os ingleses pareciam apostados em fazer à Península o mesmo que os peninsulares tinham feito ao que era agora quasi que só o império deles: descobrir e arrolar. Os nossos letrados do vintismo puderam ler as notas militares e pitorescas de Landmann, como os súbditos do Senhor D. Miguel e os emigrados tiveram à mão o *Portugal Illustrated* de William Morgan Kinsey, os setembristas o *Portugal an Galicia* de Lord Forchester, os Cabrais o livro do Marquês de Londonderry e os *Lusitanian Sketches of the pen and pencil* de Kingston, que viveu muito tempo no Pôrto e fazia livros para crianças verdadeiras e para estas crianças atrasadas que somos todos nós.

Claro que nem metade desta literatura espairocava, um pouco monótona, era acessível aos portugueses. Mas, para um ou outro acaso, soletrava duas frases e ver meia dúzia de bonecos, lá estava o alfarrabista ou um tio velho que tinha a coisa entre os seus *Lusitadas* e as primeiras novelas de Camilo.

Quem sabe se foi assim que Cesário Verde criou a sua primeira saúde de uma rapariga desembarçada e angelica, visão a opor à costureirinha do cesto e às varinas de

anca grossa e canastra atrevida? Essa mulherzinha em botão, loira e longinqua, era acima de tudo o apêlo a amores simples e a uma poesia salubre, sem olheiras. Nas *Ironias do Desgosto* é ela de-certo que lhe diz: *Não vês, ó descorado, as vestes com que saio. E os júbilos que Abril acaba de trazer?*

Pouca gente lê *O Livro de Cesário Verde* e ainda há menos quem saiba o que é que ele fez em vida. De um Junqueiro conhece-se tudo, esquadrinha-se tudo: os seus retiros vinhateiros na Barca de Alva, as anedotas dos cenáculos, as *boutades* políticas e as grandes sentenças deste tipo: *fazer com o cadáver do plátano e a tripa do porco a alma do violino...* Esse Cesário tão autêntico e a sua poesia sem mistura, que se sabe dele e dela?

«Amo insensatamente os ácidos, os gumes. E os ângulos agudos»... Uma inglesa é também quasi sempre um pouco ácida e um ângulo agudo. A outra, «a mulher nervosa e vã que me deslumbra», era talvez portuguesa — a *tê-nue*, a *dócil*, *recolhida*, enquanto ele se sonhava *hábil*, *prático*, *viril*.

A *sardenta* que podia muito bem ser uma vaga inglesa desdenhosa. Médias!... Estas mulheres dos poetas são talvez sinais algébricos, matéria ver-

bal que nem eles mesmo agarram. Sabe-se lá!

Quem era o *rural boy* sem brincos, de vestido claro, *botões a tiracolo e aplicações vermelhas das Manhãs brumas* de Cesário Verde? A avaliar por estes atavios, que parecem pedidos ao figurino anglo-saxão de Ramalho, desconho que estamos diante da tal *média* de mulher agreste mas com sonho, mulher para a gente ir falando com ela na rua ou nas relvas, e não de janela abaixo. A *inglesa* dos poetas, o contrário da *prata da casa* — que prata que nós não temos é que daria honra e brilho ao aparador...

Mas Cesário Verde desengana-nos. *Uma pastora audaz da religiosa Irlanda*. Contudo, *inflexões inglesas*. E voz de quem manda, cantada, lembrando ovelhinhas, nevoeiros, pescarias de truta, tapadas, laticínios, gelos, *cottages*... De chapelinho ao lado, *alta*, *escurrida*, *abstracta*, ela aí vai...

As *irlandesas* tem soberbos *desmazelos*! Não sei porquê. Desdenhosas, bucólicas, de tornozelo grosso. Ah! Esta é morena.

Foi assim que uma *inglesa* cismada, que não era loira e, a casar, só com banhos corridos pela Câmara Eclesiástica, foi, para Cesário Verde ou para o poder de ilusão que havia nele — *Aquele cujo amor em causa alguma pena*.

CURIOSIDADES CIENTÍFICAS

Os efeitos maravilhosos da vitamina «K»

Desde que os laboratórios de investigação biológica conseguiram identificar, isolar e, depois, preparar sinteticamente esses corpos conhecidos por toda a gente pelo nome de vitaminas, começaram cada vez a alargar-se mais os seus respectivos campos de acção. A vitamina «A» cuja falta determina o emagrecimento, a paragem do desenvolvimento e outras perturbações e que se encontra com abundância na cenoura; a vitamina «B», uma parte da qual se isolou da casca dos grãos de arroz; a vitamina «C», indispensável na alimentação para que não se produza o escorbuto que tanto affligia as tripulações dos barcos de outrora e, finalmente, a vitamina «D» ou anti-raquítica, são, de entre as que já se descobriram, as mais conhecidas pelo público.

Recentemente, uma nova vitamina — a «K» — veio enriquecer o cabedal dos nossos conhecimentos sobre esses misteriosos corpos e aumentar os recursos terapêuticos da medicina. A descoberta desta

vitamina deve-se a uma casualidade. Com efeito, um prof. Dam, ao estudar como se fazia a utilização das gorduras nos pintainhos, encontrou, certa manhã, mortos, muitos desses animais. Verificou, ainda, que a morte fora produzida por hemorragia dos vasos sanguíneos. Ao procurar saber a razão dessa hemorragia, aquele professor observou que a dieta com que eram alimentados os pintainhos, embora contivesse as percentagens habituais de vitaminas, era deficiente quanto a uma substância a que ele deu o nome de factor coagulante ou vitamina «K». Posteriormente, verificou-se que tal substância que conseguia deter grandes hemorragias se encontrava no peixe em mau estado de conservação e na luserna e figado de porco, como, aliás já verificara Henrik Dam.

Depois de numerosas experiências e laboriosas pesquisas foi possível retirar a vitamina da luserna e do peixe deteriorado, por meio duma substância que a dissolvesse. Desde

então, grande número de investigadores, alguns deles simultaneamente, vieram confirmar as extraordinárias propriedades anti-hemorrágicas da vitamina «K». Essa misteriosa substância, semelhante à gordura, mostrou-se capaz de deter as hemorragias post-operatórias responsáveis por muitas complicações fatais nas intervenções cirúrgicas.

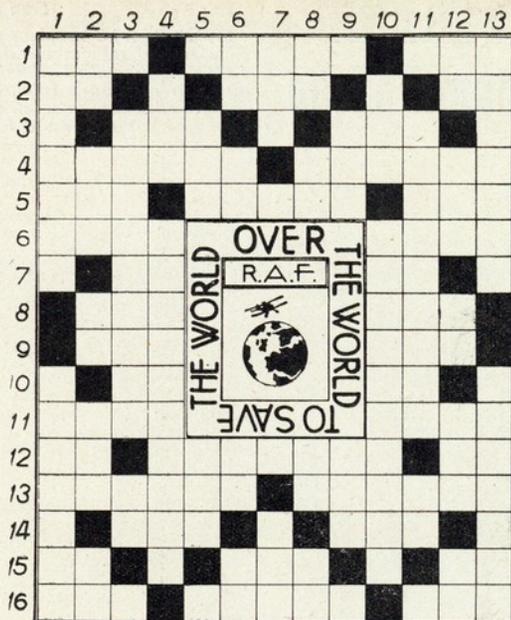
Assim, os cirurgiões começaram a utilizá-la não só com intuits terapêuticos, no sentido de fazer ceder qualquer hemorragia difícil de estancar pelos métodos correntes, como também, na profilaxia desses temíveis acidentes. Por isso, antes das operações se administram extractos de vitamina «K», conjuntamente com bilis, pois se demonstrou que aquela secreção é necessária à boa absorção da vitamina pelos intestinos.

Da mesma forma se obtiveram excelentes resultados no tratamento das hemorragias internas dos recém-nascidos que tantas mortes provocam,

a-pesar de se fazer o possível para evitá-las. Tais hemorragias cedem rapidamente à administração da vitamina «K», que actualmente se consegue obter pura e por síntese. Destas observações resulta a aplicação, cada vez mais difundida, que a vitamina «K» tem nos partos. A vitamina ou se dá preventivamente, quer dizer, administrando-a à mãe nos últimos meses de gravidez ou, então, fornece-se, logo, ao recém-nascido, também com fins profiláticos.

Entusiasmados pelos resultados obtidos, os investigadores procuraram saber se a hemofilia-doença que, como é conhecido, muito affligiu os Bourbons de Espanha — também seria beneficiada pela vitamina «K». Infelizmente verificou-se que tal enfermidade não era influenciada pela vitamina e isto porque a hemorragia da hemofilia é de natureza diferente, isto é, tem causa diversa da dos outros derramamentos sanguíneos.

AMILCAR MOURA



PROBLEMA N.º 16

HORIZONTAIS

1 — Aqui está; Em cima; Conjunto de duas peças semelhantes ou iguais. 2 — Preposição e artigo; Desejo sexual dos animais em certas épocas; Pôpa. 3 — Fúteis; Do ar. 4 — Aprecie; Patrão de barco. 5 — Cloreto de sódio; Globo terrestre; Sádio. 6 — Cêu (francês); Substância viscosa. 7 — Laço; Alegra-se. 8 — E o resto (abrev. latina); Lavra. 9 — Liga; Preposição e Artigo (pl.). 10 — Artigo árabe; Letras de «ginja». 11 — Uni (com pontos de agulha); Pronome demonstrativo. 12 — Andar; Tirará do perigo; Preposição. 13 — Peixe, espécie de sarda; Moera de pancadas. 14 — Dama de companhia; Regra. 15 — Pronome pessoal; Possuir; Firmeza. 16 — Ave pernalta; Universo; Cajado.

VERTICAIS

1 — Envasilha; Espora antiga. 2 — Dirigia-se; Anda!; Artigo (antigo); Agora; Artigo indefinido. 3 — Façanhas; Caminho. 4 — Protóxido de calcio; Determinais. 5 — Advérbio de afirmação; Renque. 6 — Língua que autrora se falava ao sul do Loire; Pronome pessoal; Nota mu-

sical; Pronome pessoal. 7 — Prego de pau com que se prega o fundo dos cortiços; Moderno (inv.). 8 — Nome duma letra grega; Prefixo latino que denota direcção; Artigo (pl.); Letras de «roda». 9 — Cincho; Relacção. 10 — Compreender o que está escrito; Que se pode obter com trabalho. 11 — Nivelais (uma medida de sécos); Gemido. 12 — Fluido respirável; Andavam; Campeão; Ente; Nota musical. 13 — Repercutir; Pedra fina com figura em relevô.



Solução do problema n.º 15



«Marlborough se vai'en guerre!» Soam clarins, rufam tambores, drapeja orgulhosa a bandeira do maior império do mundo. No mar, no ar e na terra, a Gran-Bretanha combate inscrevendo novas páginas de glória na sua história imortal



Dunhill

O melhor cigarro Americano

Importadores exclusivos
Roque Pinto, L.ª da
 R. do Amparo, 94-1.º
Lisboa

A N U N C I A R
 N O

“Mundo Gráfico”
 É GANHAR DINHEIRO!

Revista de larga expansão que é lida por toda a gente
 Os seus reclamos são valorizados por uma brilhante apresentação gráfica
 Consultem a nossa tabela



CORDELL HULL

A carreira política do secretário do Estado norte-americano para os Negócios Estrangeiros reflecte a integridade do seu pensamento e a franqueza da sua acção. Não há na vida desse homem, simples e sóbrio, nada que não seja claro, numa transparência reveladora e numa sinceridade que desafia todas as críticas.

Nasceu no Tennessee, em 1871, tendo agora portanto 70 anos. Formou-se em direito e foi um advogado de nomeada e depois um juiz cuja probidade e rectidão o consagraram rapidamente na sua classe e perante os seus concidadãos. Quando da guerra de Cuba ofereceu-se para prestar serviço militar. Promovido a oficial, fez toda a campanha com a sua habitual decisão.

Desde muito novo que a política o seduziu. Filiou-se no partido democrático e desempenhou várias funções de carácter local onde a sua competência para os assuntos de administração pública começou a revelar-se e acabou por se afirmar decisivamente.

Em 1907 foi eleito, pela primeira vez, deputado. Sucessivamente reeleito, teve assento no Congresso por dois períodos, o primeiro de catorze anos (1907 a 1921) e o segundo de oito (1923-1931). Em 1931 teve a mais alta consagração a que um representante da nação pode aspirar nos Estados Unidos: foi escolhido para representar o Tennessee no Senado, desempenhando estas funções até 1937.

Neste ano abandonou essas funções para corresponder ao apêlo do presidente Roosevelt. Passado o período agitado do «New Deal», os assuntos de política externa começaram a preocupar os dirigentes norte-americanos e a exigir a sua atenção. Cordell Hull foi dirigido o departamento das relações exteriores num momento particularmente difícil.

É conhecida a forma por que se tem desempenhado desta missão. Antes de estalar o actual conflito procurou assegurar a paz por todos os meios ao seu alcance. Uma vez iniciadas as hostilidades o seu pensamento tem-se orientado no sentido de prestar à causa da Gran-Bretanha todo o auxílio possível e de salvaguardar, mesmo à custa dos maiores sacrifícios, os interesses essenciais do seu país.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A unanimidade dum nação

Antes que as bombas da aviação inimiga destruíssem o lugar tradicional das suas reuniões, a Câmara dos Comuns, por uma votação impressionante, afirmou a confiança do país na acção do seu governo. Por quatrocentos e setenta votos, representando todos os partidos e correntes de opinião, proclamou a unidade e a unanimidade nacional. Simultaneamente proclamou o seu desejo de prosseguir a guerra até à vitória.

Esta mesma Câmara, por votações igualmente impressionantes, adoptou, durante meses sucessivos, tôdas as medidas e aclamou tôdas as iniciativas susceptíveis de salvaguardar a paz. Já quando ela era uma luz bruxoleante, a extinguir-se perante o clarão vivo e revelador dos armamentos incessantemente acrescidos noutros países, os representantes do povo britânico confiavam numa solução suprema e salvadora. A sua attitude inequívoca e os seus propósitos apaziguadores, claramente afirmados em tantas ocasiões, dão-lhes uma autoridade especial para desejarem, neste momento, que os sacrifícios consentidos sejam dignamente coroados de êxito.

Ao longo da sua história, onde não faltam as horas sombrias nem os momentos difíceis, os dirigentes da Gran-Bretanha têm sabido interpretar a vontade e os anseios da sua opinião pública. Dicey escreveu que os traços fundamentais das instituições britânicas são a onnipotência industrial do governo central em todo o país e a supremacia da lei. É ao serviço deste princípio que os ingleses, desde o soberano ao operário mais humilde, colocaram a sua inteligência e a sua energia para realizar as tarefas de salvação nacional.

No último debate dos Comuns os oradores que mais desassombadamente se referiram aos actos do governo, o liberal Lloyd George, o liberal nacional Hore Belisha, o trabalhista Shinwell foram os primeiros a significar-lhe a sua confiança. Para a rejeitar apareceram apenas o comunista Gallacher e o antigo trabalhista Noel Pitt, cujas afinidades com a doutrina e a tática comunista são conhecidas. O resultado diz mais que todos os discursos ou comentários.

Todos os críticos da vida social e dos costumes políticos ingleses, de Philippe de Commines a André Siegfried, passando por Voltaire e Montalembert, por Montesquieu e pelo Conde de Maistre, acentuam que a fusão indestrutível das vontades é o traço fundamental da colectividade britânica. As divergências de opinião, naturais entre homens, não conduzem às irreductibilidades que tantas vezes, na história dos povos, são a origem e a razão principal da sua decadência.

«A Inglaterra, por uma lenta cultura dos direitos históricos, fez sair as liberdades modernas do seu povo dos antigos privilégios da sua aristocracia. Nunca quebrou, nunca suprimiu. Guardou os seus reis e os seus condados, os seus lords e a sua igreja. Compreendeu que, para cada nação, o grande problema consiste em restringir a soberania sem a destruir, em lugar de destruir tudo por nada ter restringido». Estas palavras de André Tardieu caracterizam o sentido da vida colectiva na Gran-Bretanha e iluminaram o resultado do último debate parlamentar.

O OBSERVADOR

Uma data

O País festejou mais um aniversário do movimento de 28 de Maio. A parada de domingo passado marcou o início das solenidades com que, este ano, Portugal comemorou a histórica data. Cinco mil novos legiários prestaram juramento perante o Chefe supremo da nação.

É o povo português, porque sabe e sente quanto deve aos Homens que ergueram o nome de Portugal à altura das suas tradições gloriosas, teve mais uma oportunidade de manifestar o seu reconhecimento pela obra que em quinze anos o Estado Novo lhe ofereceu.

Carmona e Salazar vivem na alma dos portugueses. A grandiosa manifestação nacional do mês passado foi a mais eloquente demonstração de força coesiva da Nação.

Amba-Alagi



A guerra na África oriental acabou praticamente. Os restos das tropas do Duque de Aosta renderam-se, nas montanhas de Amba-Alagi, no mesmo local onde, há cinco anos, os italianos venceram uma batalha decisiva, que lhes abriu as portas de Addis-Abeba. O Negus voltou a ocupar o seu trono de rei dos reis, depois dum ausência de cinco anos. Como se vê, na história moderna nada é definitivo. A vontade dos homens é dominada pelos acontecimentos. As tropas inglesas que operaram, na Etiópia, vão engrossar o exército imperial do general Wavell, experimentadas por uma campanha que, apesar da sua rapidez, foi dura e intensiva. Nada paralisa o seu avanço, nem sequer as copiosas chuvas de Maio, em que o inimigo tanta confiança tinha para prolongar a guerra. O inglês foi sempre um excelente soldado colonial. Tem uma tradição, que vem de longe, assignalada por êxitos notáveis que ilustram a sua história, e o torna invencível. Mais uma vez o provou na campanha da Abissínia.

O ouro negro

É conveniente saber-se que o Irak é o oitavo país na produção de petróleo: apenas quatro milhões e duzentas cinquenta mil toneladas. Perito, no Iran, os ingleses controlam 10 milhões de toneladas e na ilha Bahrein, 1.150.000. No próprio Egipto, há petróleo, cerca de duzentas e vinte mil toneladas. Não estão, pois, os exércitos do general Wavell, desprovidos do precioso combustível, devendo ter feito enormes reservas. Nesta breve estatística, não figuram os jazigos dos Estados Unidos, que são a primeira potência petrolífera do mundo, os do México e os da Índias holandesas. Todo o combustível excedente desses países, que é de milhões e milhões de toneladas, é vendido à Inglaterra. O petróleo do Irak é, afinal, uma gota de água no oceano!

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**Propriedade de «Mundo Gráfico», L^a

Redacção e Administração: Rua de S. Nicolau, 119-3.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O EGIPTO, COM AS SUAS PIRÂMIDES, CENTRO DE GRAVIDADE DO PRÓXIMO ORIENTE, ONDE O GENERAL WAVEL COMANDA UM EXÉRCITO DE 600 MIL HOMENS

O QUE O IRAK DEVE À GRAN-BRETANHA

O Irak é um dos reinos árabes do próximo Oriente. Tem uma superfície de, aproximadamente, 300.000 km² e uma população de 4 milhões de habitantes. A capital do país é a cidade de Bagdad. A segunda cidade é o porto de Bassa, sobre o golfo Pérsico. Tem largas tradições históricas. Ocupa a região geográfica conhecida por Mesopotâmia e, quando se declarou a grande guerra, vivia sob o regime turco.

O Irak libertou-se em 1919 graças ao apoio da Gran-Bretanha. Constituiu,

nos termos do tratado de paz, um território colocado sob mandato britânico. Em 1921, um plebiscito triunfal entregou o trono ao rei Faiçal I, filho do rei Hussein de Meca. Três anos depois constituía-se a primeira assembleia legislativa composta por uma câmara eleita, de 150 membros, e um senado, de nomeação real, composto por 20 notabilidades locais. Estabeleceu-se, definitivamente, a monarquia hereditária como forma de governo.

Em 1927, a Gran-Bretanha reconheceu

a independência do Irak que foi plenamente conquistada em 1930. Graças à intervenção britânica, os delegados do governo de Bagdad tiveram assento na Sociedade das Nações desde 1932.

Ao rei Faiçal, morto em 1930, sucedeu seu filho Chau, falecido em Abril de 1939, em consequência dum desastre de automóvel. A este sucedeu o actual soberano, o pequeno Faiçal II, nascido em 1935. Constituiu-se uma regência confiada a um príncipe árabe, Abdillah, conhecido pelo seu bom senso e tacto político.



Um bravo piloto dos céus do deserto que, a bordo de seu "Spitfire", se tem batido valentemente

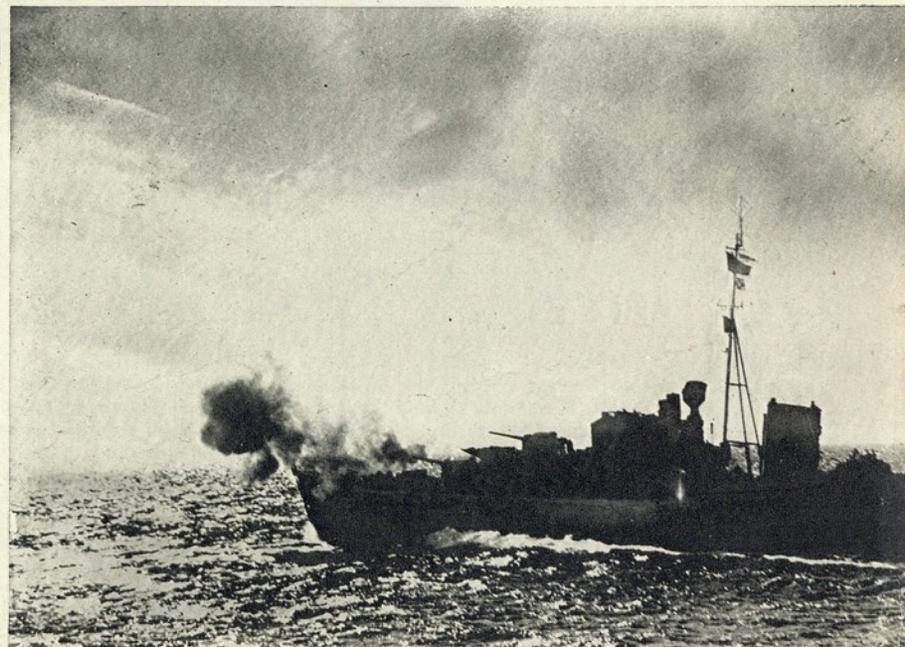
A luta entre os dois partidos, nacionalista e progressista, que dispõem de maior popularidade e influência, tomou, nos últimos anos, aspectos de desusada violência. Para agravar a vida da nação registaram-se vários golpes de Estado em que quasi sempre intervinham as mesmas personalidades.

Em 1936, o golpe de Estado, dirigido pelo chefe do Estado maior do exército iraquiano, Bakir Sidki, marcou o início dum período de perturbações que estão longe do seu termo. Dois anos depois a calma restabeleceu-se e o governo voltou a ser reunido, durante alguns meses, em moldes normais.

Quando se iniciou o actual conflito, o Irak cortou, em 6 de Setembro, as suas relações diplomáticas com a Alemanha. Não adoptou o mesmo procedimento quando a Itália, em Junho de 1940, entrou na guerra. Já então as lutas políticas internas tinham voltado a assumir grande acuidade.

Em 3 de Abril deste ano, o chefe da guarnição militar de Bagdad, aproveitando a circunstância do regente e o Parlamento estarem ausentes da capital, tomou conta do poder que, poucas horas depois, foi entregue a um chefe político, Rachid Ali, conhecido pelas suas tendências anti-britânicas. Um dos primeiros cuidados de Rachid Ali consistiu em afirmar, de maneira solene, o seu desejo de cumprir a risca o tratado de aliança celebrado entre os dois países, em 1930. Invocando esse instrumento diplomático, o governo de Londres fez desembarcar um contingente de tropas imperiais no porto de Bassa. Esse desembarque não provocava qualquer protesto. Quando se efectuou o outro desembarque o governo de Rachid Ali declarava guerra à Gran-Bretanha.

Segundo as declarações formais feitas na Câmara dos Comuns, pelo ministro Anthony Eden, a Gran-Bretanha está disposta a exigir do Irak a satisfação dos compromissos assumidos pelo seu governo. As hostilidades têm decorrido de maneira satisfatória para o exército britânico em operações. As potências do "eixo", puseram-se abertamente ao lado de Rachid Ali. O seu objectivo principal é a ocupação dos poços petrolíferos da região de Mossul. Mesmo que essa ocupação viesse a efectivar-se, a sua exploração eficaz seria impossível, dada a actividade da aviação britânica e a conquista de Rutbah, localidade de certa importância no percurso do "pipe-line". Apesar dos esforços envidados, o Irak não conseguiu qualquer demonstração de simpatia ou solidariedade dos outros países de população árabe situados no Próximo Oriente.



Um destroyer da esquadra do Almirante Cunningham, que opera no mar Egeu



D. TEOFILO DE ANDRADE, PROVINCIAL DOS FRANCISCANOS EM PORTUGAL, QUE FOI SAGRADO PRIMEIRO BISPO DE NAMPULA



Como o divino Poverelo, os franciscanos amam a Natureza. A' sombra das árvores, eles conversam das coisas puras do Céu e da terra



Oração de luz. O maravilhoso cântico ao Sol de S. Francisco de Assis ecoa nas ramarias floridas da cerca. Começa a meditação



O irmão leigo, o mais velhinho da comunidade. Parece o padre Cruz. A sua vida é uma imitação de Cristo

a Vida dos Franciscanos

Manhã dominical — portanto, do Senhor. Das galerias estreitas e compridas vem a harmonia de vozes e instrumentos, umas e outras conjugando o doce amor a Deus. Quasi fronteiro, o Colégio da Luz adormeceu sob a tépida torrente do sol de Maio. Dêle não se ergue a nota metálica de um só clarim. Por isso o harpejo do côro e dos instrumentos de corda se ergue, puro como a intenção das almas a êle consagradas. E' um monastério ainda em crisálida, este seminário de franciscanos missionários. Há obras em projecto e outras já em início. Sômente os bureis, as cordas de mendicantes e as sandálias palmilhadas de madeira, nos falam da severa vida a que se devotaram êstes homens. Nos seus rostos fulgura a alegria a pesar-de terem começado os seus labores às cinco da madrugada. Entretanto, Lisboa, embora quasi próximo o melo-dia, lentamente, no vago torpor domingueiro, só agora começa a despertar. Eles, os frades, sacerdotes ou leigos, aqui estão no animado relêvo heliográfico desta revista, a documentar o seu prazer de viverem com a certeza, a sua certeza, da meta a atingir. Começaram a áspera caminhada há muito tempo — quasi desde as origens do século XIII. San Francisco de Assis, ou

seja a palavra ungida pela doçura, logo apresenta na sua árvore genealógica o mais português dos santos: — Santo António de Lisboa. Só lá falta, nessa robusta árvore de prolongadas ramagens, aquêlle que é, simultaneamente, o mais esquecido dos santos portugueses e o mais universal no respeito que o agiologó lhe consagra: — São João de Deus, filho de Montemor-o-Novo. Mas Santo António, casamenteiro e embalador de meninos, enlaça-o, também, na suave ternura com que o povo, dentro de dias, ao entrar Junho, lhe consagrará vasos de mangerico, alcachofras a melo-queimar na esperança de um transitório refflorir, e altares de palmo e melo vigiados, no dobrar de cada esquina, por «ferozes» guardiões de cinco a seis anos... Assim cresceu e se enraizou, na alma de Portugal, a Imagem da sua vida monástica. Parece ela esquecida minlatura lavrada gentilmente, em perfumado Livro de Horas, por ágeis dedos de artista. Por dedos que há séculos repousam na paz da eternidade. Mas não. Ela vive a sua vida própria. Ela renasceu, de todos os cataclismos, sempre mais vigorosa. E agora aqui a vemos, a apresentar-nos o decano dos franciscanos, um irmão leigo octogênario, e o mais novo dos discipulos do



Bureis humildes, cordas de esparto, as sandálias da Ordem. Eis os missionários que amortalharam o seu nome na devoção de uma obra gloriosa



As vozes dos frades erguem-se para a grande catedral do Céu numa Avé-Maria de esperança e misericórdia. As mãos que abençoam sustentam a harmonia do côro



Cada vez mais alto, mais perto de Deus. São soldados do Espírito, que vão para as terras distantes do Império Português dilatar a fé e o amor da pátria

seu côro, um azogado e ridente rapazinho de quinze anos quando muito. Eis, nesta verdadeira imagem, o princípio de eterna renovação — princípio cujo epílogo só pode ser o Infinito sidéreo, pórtico suntuoso, por sua vez, da Eternidade.

Ao centro desta imagem, hemos de colocar os Irmãos Maiores: — os padres-mestres. Eles aí se encontram. O provincial frei Teófilo, bispo-eleito de Nampula. Os seus sessenta anos corajosos não hesitaram em aceitar o sacrifício. Há, num destes grupos, o provincial-substituto, frei António Roibeiro. Robusto, nos olhos

lampeja-lhe a decisão do missionário que muito aprendeu para muito poder ensinar. Fartas barbas emolduram-lhe o rosto, ainda arrugado pelo esforço em dissimular as sezões dos pântanos moçambiquenses. As restantes partículas fotogénicas deste frizo que é fiel imagem da vida monástica em Portugal, por si próprias falam. Deu-lhes moldura adequada o parque em que elas perpassam, sóbrias mas formosas das galas da Primavera. É que Santo António de Lisboa vai noivar.

Consigliari Sá Pereira



O primeiro violino da comunidade. Não é um Stradivarius, mas a rabeca vibra numa hossana a Deus



Os jardins do colégio onde desabrocham as rosas de Jericó. São eles os hortelões. Fazem todos os misteres por mais duros que sejam, que o trabalho é coisa abençoada



O irmão leigo nas suas orações, imagem de bondade e de perfeição, num perfil macerado de ascetismo



A última conquista das mulheres são os «cafés»



Uma hora doce, azul, de romantismo em que o «café» como que desaparece e as almas falam, enfim

As Mulheres e os "Cafés"



Seis horas da tarde. Lêem-se os jornais e vêm-se as revistas. Ele, que é estrangeiro, já sabe português e ela anda a aprender

Longe, longe, nos parece ir já o tempo em que o «Café» constituía viveiro exclusivo de homens, sombrio recinto para apalavrar negócios — ou grémio barato para fingirem de ocupados os ociosos e diletantes.

As esposas burguesinhas — as domésticas, segundo a irónica designação que lhes dá o papel selado... — não alimentavam grande simpatia por esses magnéticos estabelecimentos (com nome de bebida...) que lhes atraíam os pacatões dos maridos, principalmente em seguida ao também doméstico e pacato jantar.

Irem elles «até ao Café» — era fatal como ter de se pagar a renda ao senhorio e ter de se deixar sair a creada, domingo sim, domingo não! A' volta, enquanto se descalçavam, diziam, a bocejar, ter estado com Fulano e com Beltrano — nomes de todos os dias — e haver aparecido também por lá Cícirano (mais raro, este). — «Eu logo vi! Por isso tardaste tanto...» — chasquinava, numa espreteza amarga, madame Antunes, hostilíssima ao pobre Cícirano, com quem Antunes sempre se desculpava de atrasos e anormalidades.

Daf a nada, ressonavam. E, na noite seguinte, a pautada senhora não esperava tão estiradas horas pelo seu legítimo: este jogara apenas uma partida de damas ou três de dominó — «mas depressinha!» — repêso do abuso da véspera e receoso de ver rebolar lágrimas redondas e vagarosas pela cara redonda da mulher, que, coitada, ficava medonha e ridícula a chorar nuns imensos soluços em que o estômago, às vezes, também intervinha prosaicamente...

* * *

Outros «Cafés» eram políticos, aguerridos ou segredantes — conforme... O fumo dos cigarros e dos cachimbos (o cachimbo ia melhor com a «lavallière» discursiva — ou com o sibilar misterioso, enquanto se esguelhavam miradas a suspeitos de mesas visinhas...) — era mais negro... Como se o turvasse pólvora! Os fatos eram pretos, os chapéus pretos, as unhas orladas de preto, o café das chávenas pretíssimo!

Hepáticos e cardíacos envenenavam-se.

Na negligência, na fumaceira, na catacumba buliçosa — tal como nos outros «Cafés», hairristas e calmos, dos Antunes... — nem uma mulher, nunca! Os inconformistas eram assim lutuosos, porque lhes escasseavam garridos Símbolos...

... E os poetas podiam ter Musas de mansarda, docinhas e cheirosas a violeta como a Mimi da «Bohème»; onde elles escusavam de As procurar, era no «Café»!

* * *

Com a policromia dos tubos-de-Néon; com a substituição do velho *cacharolote* pelo complicado «cocktail»; com a mais reduzida utilização de peitinhos engomados, punhos de borracha e «plastrons»; com a lição do Cinema e a vulgarização do Automóvel; principalmente com o «Clipper» e o desempoiamento cosmopolita resultante — nasceram papoilas, lírios, camélias e margaridas (vestidos púrpura, roxos, cremes e amarelos) onde antigamente só emurcheciam fraques e jaquetões... Os «Cafés» e as Esplanadas adjacentes conheceram, remoçados, o «tricot» e as pernas bonitas, bem calçadas de seda ou nua, e setíneas também... O fumo, depurou-se da pólvora: é mais azul; o tabaco é mais claro, o papel que o amortalha laiva-se do carmim que o beija.

As Mulheres alegrem e ornem os «Cafés»!

Há mais pasteis nas mesas; menos copinhos de aguardente bagaceira; há mais perfumes no ar e menos lixo no chão; os engraxadores ganharam aspecto mais feliz; os criados trazem menos nódoas no «smocking»; os gerentes aperaltem-se; os espelhos riem, riem, num pulido mais brilhante...

E o café — esse Boémio Moreno — deixou de ser o único tóxico de hepáticos e cardíacos... Há desdens que contendem muito mais com o fígado e há olhares que fazem muito pior ao coração!...

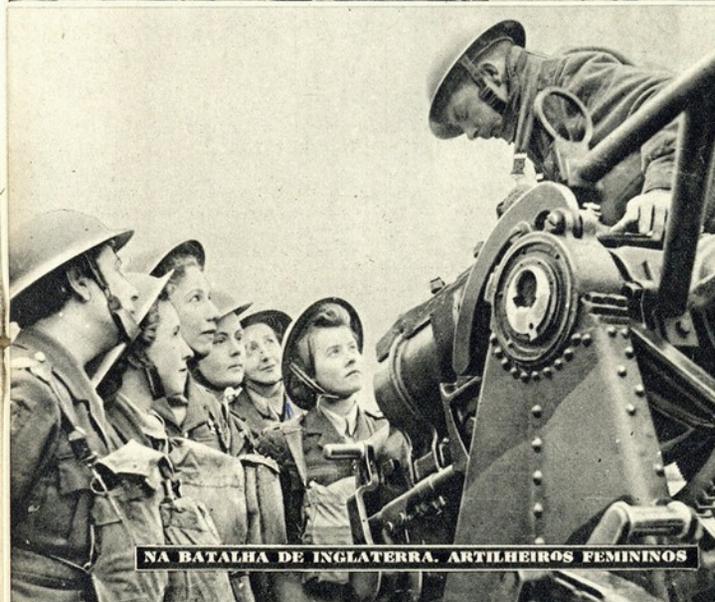
RODRIGO DE MELLO



A RAINHA ELISABETH E O SEU POVO. AS CRIANÇAS SORRIEM



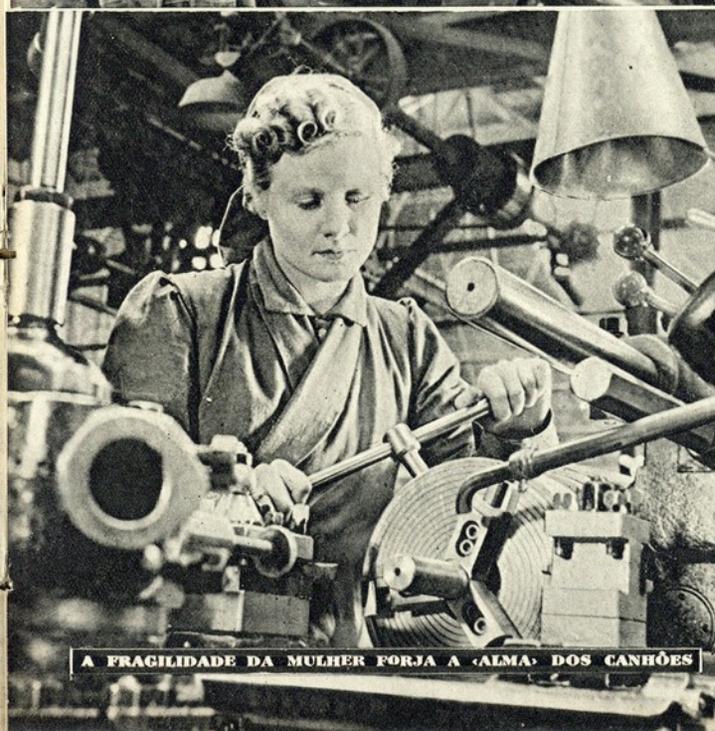
BEVIN MOBILIZOU AS MULHERES. UMA GUARNIÇÃO ANTI-AÉREA



NA BATALHA DE INGLATERRA. ARTILHEIROS FEMININOS



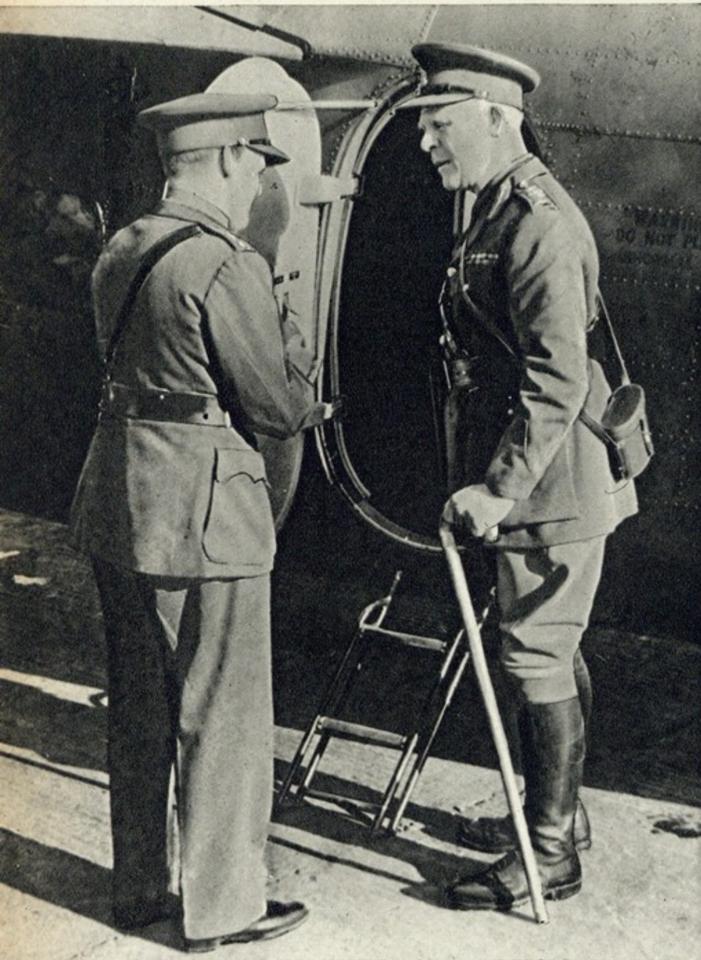
ENFERMEIRAS AMERICANAS. TRANÇAS E CABELOS CORTADOS



A FRAGILIDADE DA MULHER FORJA A 'ALMA' DOS CANHÕES



O SEGUNDO GRANDE EXÉRCITO DA INGLATERRA



O general lord Gort novo governador de Gibraltar, chega de avião àquela praça militar, onde é recebido pelas autoridades



O general de Gaulle, chefe dos franceses livres, no Cairo, ao lado do general Wavell, com quem foi conferenciar



A rainha Isabel, acompanhada do rei Jorge, assiste, no sul da Inglaterra, a umas grandes manobras militares



O engenheiro Sydney Camm que desenhou o "Hurricane,, e o "Tornado,, estuda um novo modelo de avião



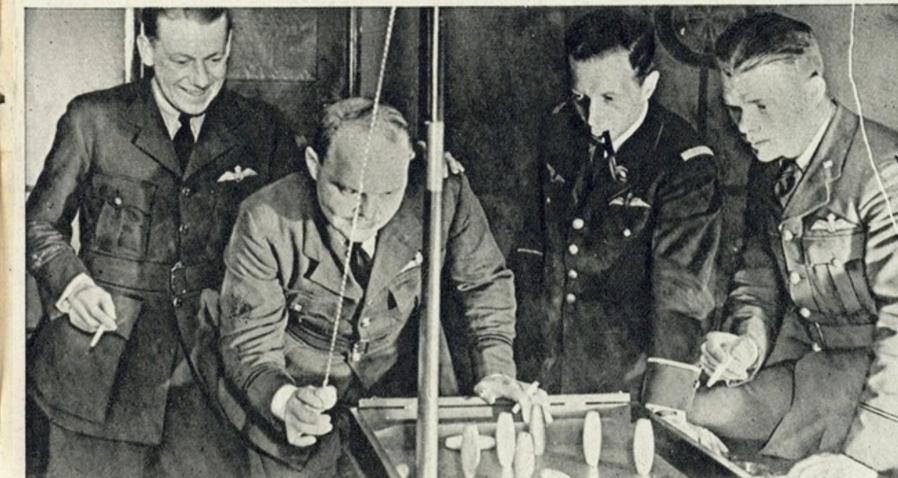
Águia nocturna. Um aviador duma esquadrilha de caça inglesa, que recentemente interceptou treze aviões inimigos



L. W. Murray, comodoro da esquadra canadiana, que há pouco esteve em Londres, numa importante missão



A rainha Guilhermina da Holanda recebe do embaixador J. Biddle, uma ambulância americana para as suas tropas



Pilotos nocturnos, de várias nacionalidades, que prestam serviço na R. A. F. no intervalo de dois raids, jogam despreocupadamente



O caporal du Fretay num avião que construiu, reune aos seus camaradas franceses que estão em Inglaterra



A Inglaterra é um grande campo de aviação. Pilotos de "Spitfires", na Escócia, envergando os característicos "Mae Wests."



Na Irlanda do Norte. A Infantaria, devidamente camuflada, serve-se destes pequenos redutos. E' a patrulha mais avançada



Na área de Folkestone. Um destacamento da "Home Guards", toma posições ao longo da costa

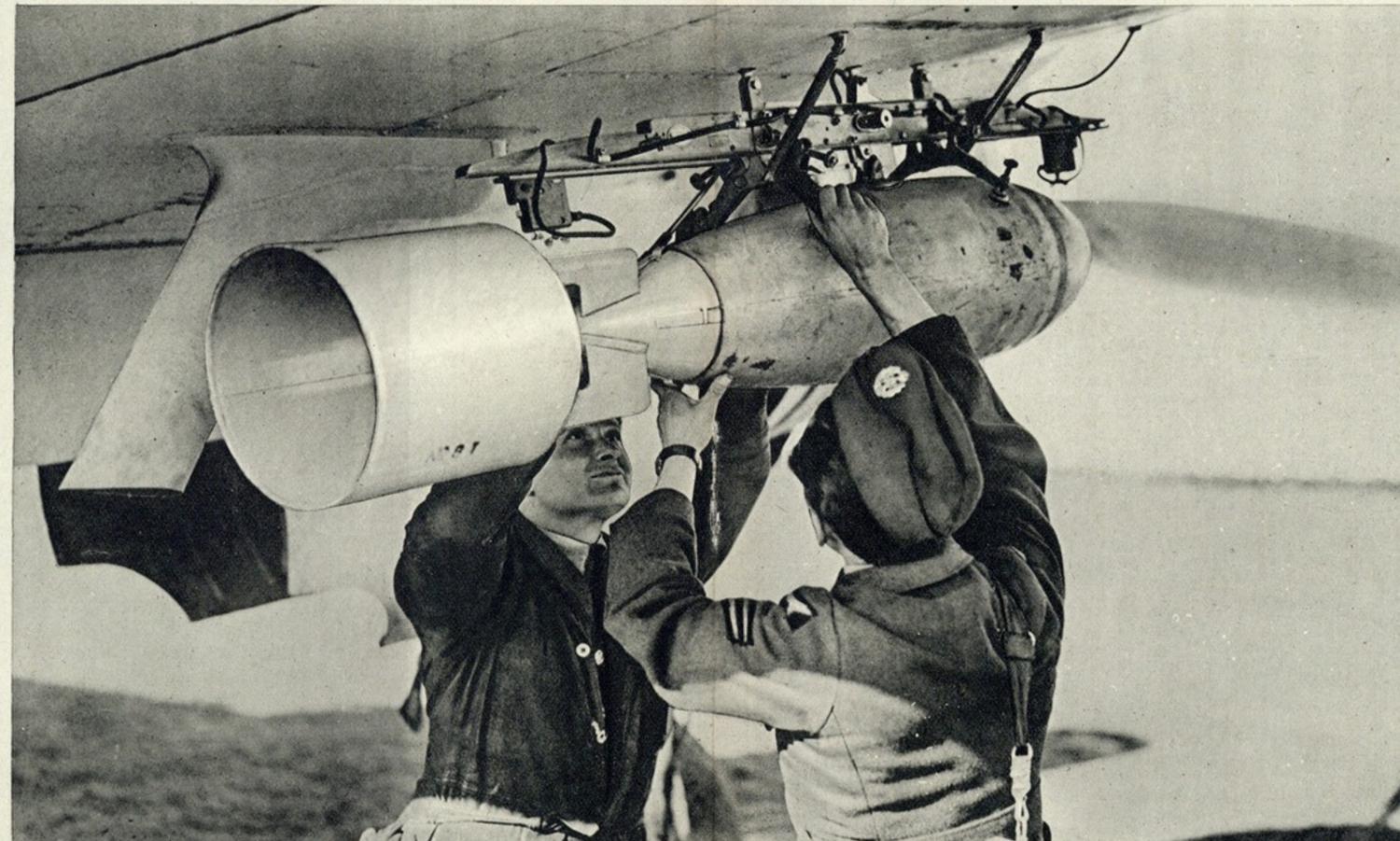


Uma vitória da R. A. F. no céu da Escócia. Foi abatido um aparelho alemão J. U. 88



Este aparelho de precisão, que trabalha como um cérebro humano, dá todas as indicações sobre o movimento dos aparelhos inimigos

A INGLATERRA EM ARMAS!



Uma bomba cujo poder destruidor é fulminante. Depois disso, os ingleses já fabricaram um novo tipo de bomba com materiais explosivos desconhecidos e de muito maior eficiência



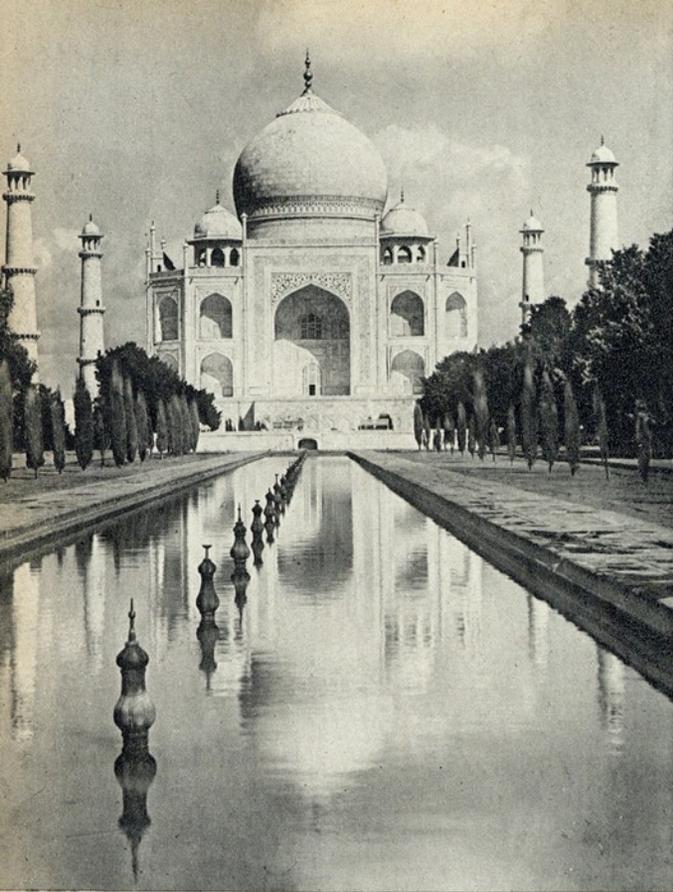
A Inglaterra tem numerosos exércitos. Um deles é o Norueguês que, com os outros, está devidamente mecanizado



É assim em todos os pontos da Inglaterra. Uma nação em armas. Oito milhões de baionetas



Um canhão monstro de 12 polegadas, montado em linha férrea, fazendo fogo sobre a Mancha



Monumento indiano de arte mogol do sec. 17, feito para guardar o corpo de Mamtáz Mahall — a Muito Amada do Grão Mogol, Shah Jahân, que junto dela repousa, em Agra, no Hindustão



A água é para os hindus um elemento sagrado. O cântico das fontes, entre flores, é duma límpida harmonia. Dir-se-ia que no seu sussurro se ouvem versos do divino Tagore

O T A J M A H A L L

SÃO precoces, os orientais, nas coisas do amor, — que neles é comparável, libertado dos horrores de pecado, ao florir temporão das rosas, ao sol da primavera.

O filho do Grão Mogol amara, nas festas da sua corte, quando o Shah recebia, recostado em seu godrim de bisco e ouro e pérolas, os embaladores estranhos, aquela menina pálida de neve e melga, cuja boca de rosa alumia um rosto de leite e nácar, onde sorriam seus olhos grandes e negros, negros e grandes de amêndoa. Lagos de neve, onde cisnes solitários, negros, segredassem melodias de amor e de morte...

E ficou enleado daquelas feições mimosas e lânguidas de menina ingênua e mulher precoce. F guardou-lhe, no coração, um leito de glória e púrpura, bergantim de amor onde a donzela vogava, já, qual senhora daquele que viria a ser Shah Jahân, Senhor do Mundo.

Floriam as milgradeiras nos hortos do Hindustão e os mogarins rescendiam aromas doentes e capitosos de entontecer. Passavam, brancas, as águas dos rios sagrados, e, pelos ares, as pombas brancas. As cegonhas pisavam, donairozas, as terras planas a perder de vista. Nos recatos frescos e sombrios da zenana, as mulheres unguidas de nardo e de sândalo, exalavam seus perfumes, — e, para refrescar-se, mergulhavam seus dentes, como gotas de leite caídas em corola de cacto, nas carnes vivas e rubras de pequeninas patecas, frias como sorvetes, babosas de riso e de viço.

No céu, o grande sol, como doirado deus hindu, dardejava seus raios sécos de sede. E pelas vastas galerias frescas, alvas de mármore ou encarnadas de grés, o príncipe mogol tiazia dentro de si a infinita beleza daquela menina de raça e de feitico, cujos avós vieram, predestinados, por mercê de Allah, da terra dos

mirtos e das rosas, dos ciprestes e dos rouxinóis, pais de cavaleiros e de poetas, terra do amor, — a Pérsia.

E, um dia, o sonho do seu desejo consumou-se no júbil imperial da posse da sua amada. E a senhora do seu desejo foi a escrava do seu amor, meiga e apagada como a hera que trepa e coroa, de esperança e frescura, a palmeira do deserto, esguia, sedenta e líbrica.

E foram longos e bons, de doçura e de beleza oculta, de adoração e apêgo sem par, os amores de Shah Jahân, o imperador moreno de olhos calmos e longos, com Mamtáz Mahall, Glória do Palácio, etérea, silenciosa, em cujos olhos profundos se abriam dois lírios roxos de um grande amor contente que se oferecia, noite e dia, a seu senhor em dádiva gulosa.

Mas o longo amor acabou depressa. Era no mês de Zicad, no ano de 1040 da Hégira de Mafoma, 1631 do Natal de Cristo, Mamtáz Mahall, Diadema do Palácio, enamorada e senhora de Shah Jahân, estendeu os braços têpidos de alabastro ao seu amado e os lábios de ambos se colaram no beijo da morte, interminável, enquanto uma criança gemia os primeiros vagidos.

Foi grande luto nos reinos do Grão Mogol. Os poetas da corte imperial não compuseram mais *ghazals* de amor. Seus versos claros, hindustânicos, eram agora gemidos de uma grande saúde. Aquela que acompanhara, sempre, seu senhor na sangueira dos prélios e nos arrulhos da alcova, tinha, pela bondade e pela graça, pela beleza de seus olhos persas, pela pureza catilizada de suas mãos lavadas de jasmim e sândalo, pela doçura de sua pés de arminho pisando rosas, nos jardins interiores do alcácer da formosa Agra, — tinha conquistado, por sua graça o amor de guerreiros e trovadores, é, por sua misericórdia, os corações dos povos vencidos, que ela salvara da morte e da

tortura. E a saúde do Grão Mogol eternizou-se e alteou-se em mármore. O Taj Mahal, maravilha de beleza que não morre, excede, na simplicidade da sua traça e no requinte da sua graça, radiante, exclusiva, imaculada, tudo quanto homem jamais sonhou por sua amada. Singularmente belo e vivo, gracioso e humano, fonte de alegria eufórica, inebriante de corações amantes, ergue-se em Agra do Hindustão, — metrópole da beleza terrestre — o Taj.

Não é o jazigo banal dos cemitérios. É a jazida celestial em que os dois amantes repousam, lado a lado, aguardando o fim do mundo e a ressurreição da carne, para voltarem a banhar-se na taça de jade dos seus amores, olhos nos olhos, seus corações desvaivados do filtro de Tristão e Isolda.

Junto do túmulo do Senhor do Mundo e do Diadema de Glória do Grão Mogol, esdrinjos de mármore quase humano, incrustados de jóias irisadas, na luz discreta daquele silêncio onde se petrificou o imortal Idílio do Homem e da Mulher, meditel, numa tarde de maio, no mistério do amor e da morte.

O Taj, formoso e mudo, olhava-se e amava-se, como Narciso, na sua própria beleza, toda espiritual, que se diluia na alcatifa das águas pardas, extáticas, onde a flor do lótão esmorecia na sombra dos ciprestes.

Os almuadens, no entardecer, convidavam, dos minaretes das mesquistas, os crentes à oração, e dentro de mim mesmo persistia, ecoava, primeiro, gutural e, logo, dorido e, depois, sublimado e celeste quasi, como suspiro de cristal e prata das virgens morenas do Alcorão, o grito de humildade e de fé do mundo muçulmano que adora a Deus e o proclama Grande: Allah ho Akbar!

Antônio da Cruz



Churchill, em Lancashire, fala aos «dockers» e aos tripulantes da Marinha Mercante exaltando a sua heroica acção na batalha do Atlântico



Uma fotografia inédita do Primeiro Ministro. Churchill, com o príncipe da Suécia, em 1917, durante uma revista militar em Hyde Park

A VIDA DE CHURCHILL

Como o Primeiro Ministro começou a ocupar-se de política depois dum desastre que lhe ia custando a vida

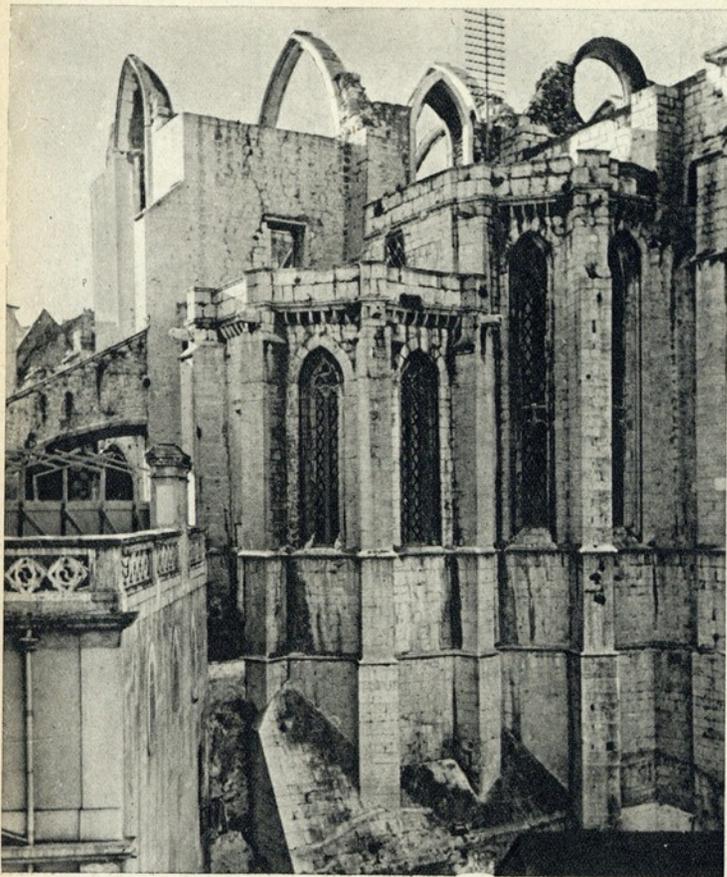
A obra literária de Winston Churchill é vasta e variada. Desde os trabalhos de pura ficção, como «Savrola», até aos livros de doutrina política e social, como o «Liberalismo», «Armas e pacto da Sociedade das Nações», passando pelas narrativas militares «A expedição de Malakand», «A minha jornada de África», pelas narrativas biográficas, «Lord Randolph Churchill», «Marlborough», «Grandes figuras contemporâneas» e pelas memórias saborosas e elucidativas, «A minha juventude», «A crise mundial», são algumas dezenas de volumes cujo êxito consagrou um dos maiores escritores do nosso tempo. Nessa obra abundam os episódios que reflectem o homem de acção e o dirigente audacioso. A revelação de alguns episódios arrancados à obra literária de Winston Churchill é um auxiliar precioso para a compreensão da tarefa a que o Primeiro Ministro da Gran-Bretanha se dedicou.

Quando fiquer reprovado pela segunda vez no exame de admissão a Sandhurst tiraram-me de Harrow e relegaram-me para uma máquina de exames. O capitão James e os seus sócios tinham uma destas máquinas em Cromwell Road. Dizia-se que todos os candidatos que não fôsse puros idiotas estavam seguros de sair dali e entrar no Estado pelo exército, a que eu era candidato. Os directores do estabelecimento tinham procedido ao estudo científico dos examinadores. Sabia-se ali, com infalibilidade pontifical, quais as perguntas que os examinadores haviam de fazer. Era uma especialidade da casa. Dir-se-ia que se tratava de caçadores eméritos que iam às perdizes e mantinham anualmente um número constante e elevado de vitórias. Sem se aperceber disso, o capitão James foi o precursor das barragens de artilharia. Atirava, com certeza matemática, para um ponto da trincheira oposta onde sabia que se concentravam os corpos de exército inimigos. Para atingir os seus fins, fazia uns tantos tiros por hora e por quillómetro quadrado. Não era preciso ver o inimigo. Bastava pôr as peças em posição. Há muitos anos que conquistava a flâmula azul dos preparatórios para exame. Era um pouco como aquelas pessoas que descobrem uma martingala para fazer saltar a banca em Monte Carlo. Apenas com a diferença de que o seu sistema quasi sempre resultava. Encarregava-se dos casos mais desesperados. Não garantia nada. Mas geralmente acabava por triunfar.

Quando eu estava para tirar todo o proveito d'êste famoso sistema de cultura intensiva fui vítima dum acidente grave.

Minha tia, lady Wimborne, cedera-nos, durante o inverno,

(Conclue na pág. 29)



Nun' Alvares viveu aqui. Os arcos, como mãos postas, resam ainda pelo Condestável

Qual o sítio mais bonito de Lisboa?

Responde Armando Lucena

Armando Lucena, um grande pintor, enamorado dos jardins românticos, dá-nos, hoje, a sua opinião. Nome ilustre da arte, o seu depoimento tem um valor excepcional. Não é apenas uma sensibilidade e uma cultura que falam, mas uma admirável visão plástica que fixa, monumentalmente, um dos mais belos e augustos perfis da «noiva do mar», esta «morena Lisboa» como lhe chamou D'Annunzio:

«Qual o sítio mais bonito de Lisboa?» Quem poderá dizê-lo? Em tôda a banda surgem, frescos, caprichosos, imprevistos e monumentais, os quadros de Lisboa. Neste amor profundo que à cidade me liga, muita hora de prazer espiritual tenho encontrado, a rever-lhe o eterno encanto dos seus agrupamentos, a admirar-lhe a soberania do conjunto, a saberear a graça dos seus recortes e a poesia da sua perpétua luz; mas, preferências, pontos isolados, eu sei lá. E tão difícil!... Por lógica, e principalmente por coerência comigo próprio, deveria eleger qualquer dos recantos que a minha visão de pintor tem preferido e fixado nos vulgaríssimos pedaços de tela de que ninguém, com certeza, já se lembra. Mas como nem sempre se realiza o que mais desejamos, sucedeu que os mais lindos trechos de Lisboa continuaram perdidos no fundo da minha imaginação, umas vezes pelo respeito devido à sua beleza, outras, pelas dificuldades práticas que teria de vencer. Pintar nas ruas de Lisboa é um drama sério, cujas responsabilidades nem todos arrostam, assim se explicando que os mais belos temas da cidade estejam ainda longe da paleta dos nossos pintores.

Um dia, ao cabo de longo e premeditado desejo de reproduzir certo ângulo do Rossio, tentei surreitamente,

como quem não quer a coisa, encostar-me à beira dum dos lagos e abrir um bloco de desenho para traçar as primeiras linhas. Passou um que olhou e parou; outro fez o mesmo; ainda outro veio também; muitos mais foram, por fim, aparecendo e pararam. Perdi-lhes a conta, porque já nem sequer as casas via, do outro lado! Um escândalo, por bem pouca coisa na realidade. Desisti, já se vê, e dessa maneira não pude fixar no cartão o que eu ainda hoje julgo ser o mais lindo e magestoso recanto de Lisboa — a encosta de Carmo, vista do Rossio.

Quem não terá reparado na infinita beleza daquela praça, à tardinha, voltando a gente as costas ao Castelo? Como tudo ali, se harmoniza e funde!... Os altos botareos do Mosteiro, lá no cimo, quasi descem ao pavimento da rua, misturando-se docemente com as fachadas de ocre sujo daquela praça pombalina. Tudo, se iguala então, na mesma luz e côr que outrora irradiaram da milenária visão de Poestum e de Agrigento que, depois do Partenon, foram talvez os mais belos e harmoniosos conjuntos edificados do mundo antigo.

Seis séculos de história se afogam na mesma tinta niveladora do crespúlo, assumindo, nessa altura, o Rossio a máxima expressão da sua incomparável beleza, êsse privilégio que a evocação da poética clausura do Condestável torna ainda mais sugestiva e dominadora.

Para mim entre tantos que enternecidamente admiro, êste é, talvez, «o mais bonito sítio de Lisboa». De resto, o julgamento da beleza, como o de tôdas as outras sensações da vida, depende muito mais dos olhos com que o fazemos que pròpriamente da natureza das coisas que observamos.



Nesta linda taça de bronze os fios de água são como serpentinas de prata

O "BISMARCK," FOI AFUNDADO!



ESTAS FORMIDÁVEIS TÔRRES DE AÇO DA MAIOR ESQUADRA DO MUNDO GUARDAM TODOS OS MARES
Três dias depois de um renhido combate com o «Hood», o couraçado alemão «Bismarck», dos mais poderosos navios de guerra do mundo, é destruído pela Armada e pela Aviação Inglesas, a 400 milhas de Brest



Milhares de toneladas de materiais de construção são empregados nesta grandiosa obra. Por toda a parte circulam comboios de vagonetas carregados de cimento para a edificação de alterosas barragens

A barragem SALAZAR

Sob cada traço, o drama da terra sequiosa, implacavelmente improdutivo. Os tiralinhas rasgam, como lâminas de charrua em luta com o solo endurecido e estéril, sulcos negros de tinta na monotonia desértica do papel. E o papel alarga-se desmesuradamente, contorce-se aqui e além em ondulações suaves, sob fantásticos olhares de súplica. É a terra alentejana que surge, martirizada pela ardência tropical de um sol de fôgo, terra morta, sem seiva e sem pão. Perde-se na lonjura do horizonte, confundida no mesmo azul rubro, mais rubo que azul, da imensa fornalha do céu. Nem uma gota de água. Só lágrimas que não fertilizam. Bocas sequiosas e amargas quase sem energia para uma prece e um sorriso de esperança. Braços caídos e abandonados, inertes, que às vezes se erguem ainda, num esforço supremo, para que as mãos se juntem numa derradeira oração. Enxadas esquecidas, cujas lâminas não brilham nem ferem. Celeiros vazios, arcas sem pão.

Mas os traços de tinta negra estendem-se e correm vertiginosamente no papel que se alargou sob os olhares de súplica. E o céu já não queima. No papel feito

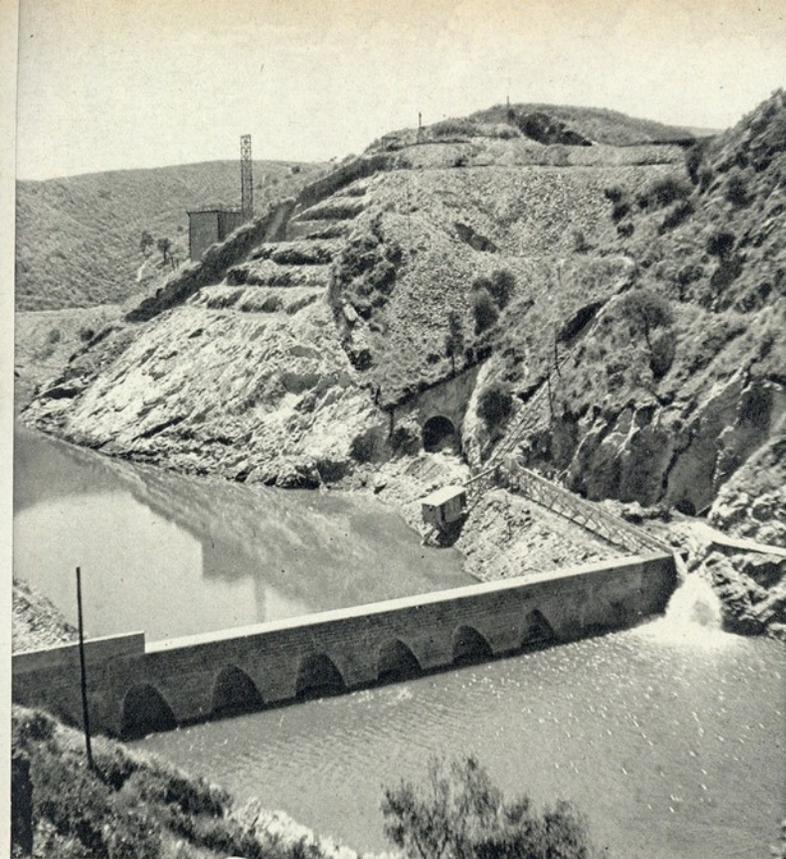
terra, a tinta negra empalideceu, tornou-se branca e transparente, cristalinamente pura. E avança, cada vez mais veloz, tonta de liberdade. As lágrimas secaram. As bocas sorriem e agradecem a Deus o milagre. Os braços, fortes com robes centenários, erguem do chão as enxadas esquecidas que já brilham e já ferem. Trigo nos celeiros, arcas com pão.

É o Alentejo a florir.

Começaram em 1937 as obras grandiosas da barragem Salazar, a três quilómetros de Alcácer do Sal, na estrada de Santa Suzana, para aproveitamento das águas da Ribeira de Santa Catarina, afluente do Sado. Simultaneamente, no Vale do Gaio, as águas do Xarrama vão ser dominadas por uma outra barragem, de proporções igualmente grandiosas. A primeira, com 60 metros de altura e onde estão a ser empregados oitenta milhões de metros cúbicos de cimento, poderá irrigar seis mil hectares de terreno com auxílio de uma rede de canais que atinge oitenta quilómetros de extensão, entre Marateca e Setúbal. A segunda, que atinge 51,5 metros acima dos fundações, é servida por uma albufeira onde poderão

ser armazenados 59 milhões de metros cúbicos de água, dos quais 55 milhões irrigam, em conjunto com a barragem Salazar, 8.389 hectares de terra de cultura nas duas margens do Sado, através de um canal com 28 quilómetros de comprimento, cortado por várias obras de arte entre as quais uma ponte canal em Benagazil e um túnel de 600 metros, a sete quilómetros de Alcácer. Uma tórre com mais de cinquenta metros de altura destinar-se-á à descarga da água no tempo das regas ao mesmo tempo que pode alimentar uma estação hidro-eléctrica capaz de produzir 2.100.000 quilovátios-hora. Somados com quatro milhões obtidos na barragem Salazar, totalizarão 6.100.000 quilovátios-hora. Isto representa, nada mais nada menos, que trinta e cinco a quarenta por cento de economia no consumo de combustível estrangeiro.

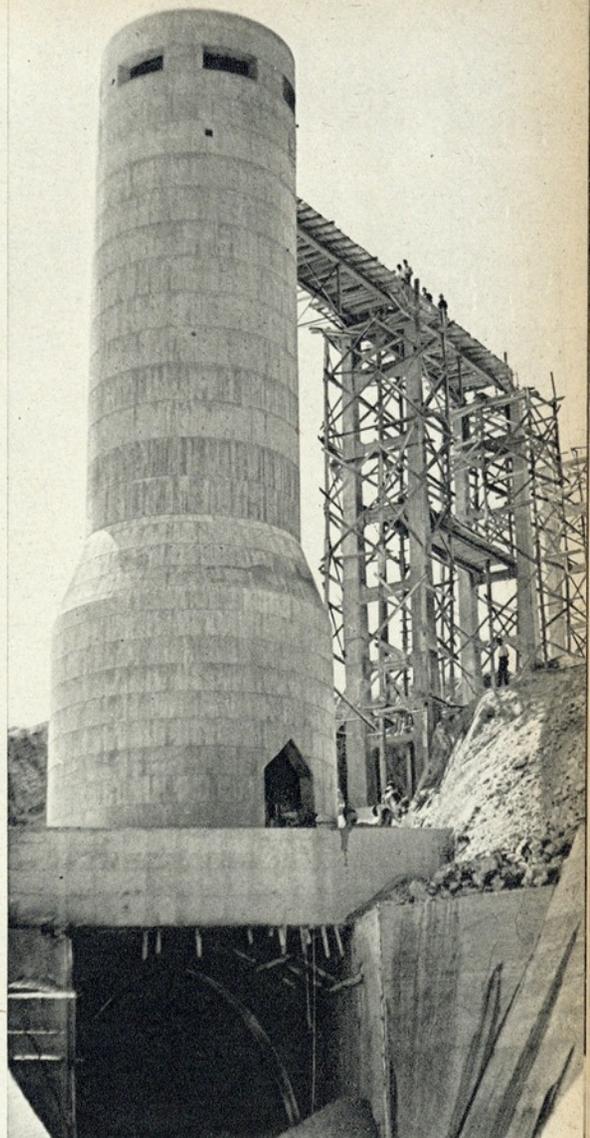
Mais de mil operários tornam sedutora realidade este grandioso projecto de engenharia hidráulica portuguesa. Em breve, os trabalhos, que estão a ser orientados pelo sr. eng. Palma Carlos, ocuparão turnos consecutivos a-fim-de que estejam concluídos, como estava previsto, em 1943.



A água inútil que corria entre penedias adustas tornou-se dócil graças ao trabalho ingente do homem e vai fertilizar milhares de hectares de charneca inculta



A água, por vezes, inunda os trabalhos e, misturando-se com a terra sob o fulgor ardente do sol, parece prata lavrada. O veio perdido é logo estancado



Esta torre, com 51 metros de altura serve para descarga da água no tempo das regas, cujo potencial se transformará em energia eléctrica



Estes esqueletos de madeira são transportadores de cimento que deixam cair a massa em fusão nos fundamentos da obra

BANDEIRAS DE PORTUGAL



O juramento dos novos legionários. No decorrer da cerimónia, o Chefe de Estado condecora o seu neto, sr. dr. Oscar Carmona, numa cerimónia impressionante



Os legionários passam em continência perante o sr. Presidente da Republica que se encontra na tribuna com o sr. dr. Oliveira Salazar, ministros e outras entidades



Os srs. general Carmona e presidente do Ministério cumprimentam-se antes da cerimónia



Os novos legionários, enquadrados pelos «veteranos», prestam juramento



O GENERAL SIKORSKY, PRIMEIRO MINISTRO POLACO, QUE REGRESSOU AGORA Á INGLATERRA DEPOIS DE UMA LONGA VIAGEM NOS ESTADOS UNIDOS

Página Feminina

de AURORA JARDIM

● A mulher deseja sempre e apesar-de tudo — agradar. E' por isso que a Moda é imorredoura. Que há quem diga que ela, se gosta de se vestir bem — é antes para desagradar... às outras.

● Mas isto são ditos...

● A moda desta primavera é volúvel como o tempo que tem estado: ora o casaco de *sport*, hermético e sóto, ora o vestido estampado de suave tonalidade e alegre desenho.

● Vê-se muito o bordado inglês para vestidos de tarde e casino, misturado com veludo, em realce de contraste e também: *crepe marocain*, *georgette*, organdi bordado, linho, cretone. As côres escuras são substituídas pelas vivas.

● Uma das guarnições que mais voga tem é a que é constituída por franzidos sobrecozidos, ou em *smoke* ou em *nid abeille*.

● Os ombros são *drapés* nos vestidos finos e o quimono quere triunfar.

● Vêm-se muitos estampados com fundo vermelho e desenhos em amarelo ou preto.

● Os casacos dos *tailleurs* são mais compridos uns dez centímetros. As saias como até aqui, algumas tendo quatro costuras e alargando um pouco para baixo. Para fazer parecer a anca mais estreita, os casacos têm nas costas uns franzidos ou machos, ou então pinças dissimuladas, a dar largura.

● Balenciaga quere lançar a moda *tonneau* para a saia: muita largura na anca e travada na beira; absolutamente uma pipa — não deve «pegar» porque não tem beleza.

● As reminiscências de 1900 cada vez se acentuam mais e firmam-se principalmente nos seguintes pormenores: golas e punhos de renda, chapéus com fitas, flores e veus, cabeções, *trou-trou* por onde passa a fita e que muito se vê nas blusas de noite, manga-pre-sunto, *jabots*, cabelos erguidos, *drapés*, fitas e flores.

● Por mais que faça, o sol não consegue alumiar nada de novo — *nihil novi sub sole*.

Saiba harmonizar as côres do seu cabelo com a maquilhagem

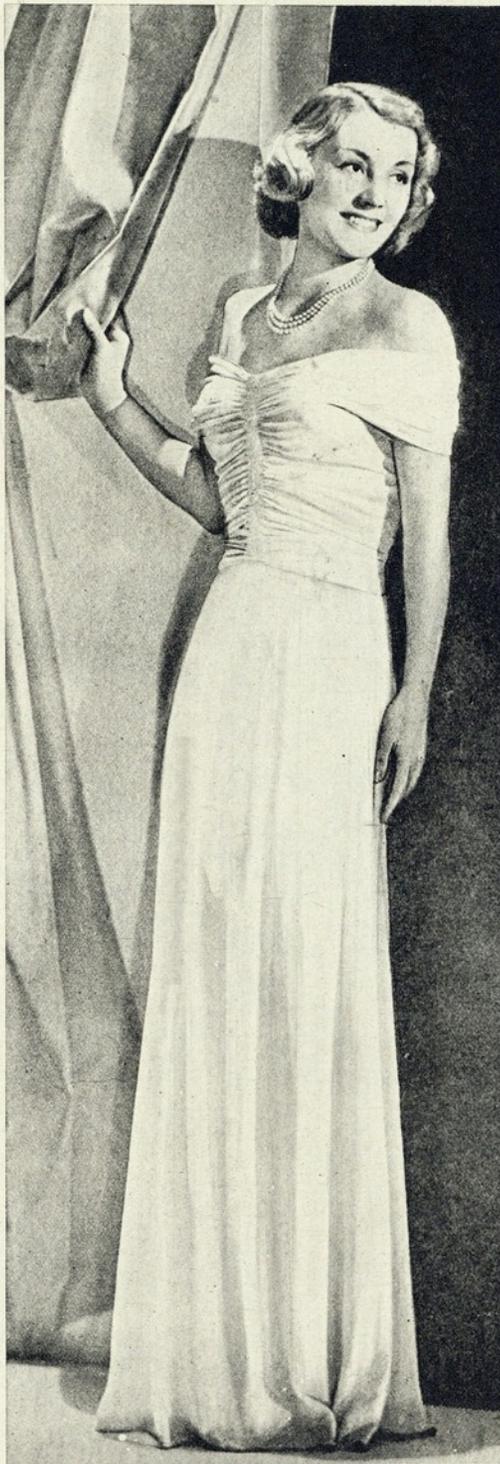
A sua maquilhagem deve variar segundo a côr do seu cabelo.

Assim, com o loiro cinza convém a maquilhagem em que predomine o encarnado violento, para dar vida. Se o loiro fôr artificial e, portanto, forte, as tintas devem ser de aguarela. Com cabelos negros e azulados, preferir o tom raquel para o pó e o orquídea para os lábios. A cabeleira ruiva exige tons côr-de-rosa e a grisalha harmonizar-se-á com a maquilhagem pálida discreta, com o pó côr de carne, azul nas pálpebras e o vermelho sombrio nos lábios.

Significação de nomes

Adélia — Adeline

Dia consagrado — 8 de Abril
Etimologia — Do germano
Significação — Nobre raça



VESTIDO DE NOITE
em marocain branco

Discreção e ternura. Ordem, economia. Génio variável sujeito a influências. Dedicção.

Talismans a usar:

Pedra — pérola — símbolo de pureza
Côr — branca — » » proibição
Flor — tuberosa — » » vivacidade

Adôlfo

Dia consagrado — 11 de Fevereiro
Etimologia — Do gótico
Significação — Pai

Compreensão rápida, audácia, palavra firme. Curiosidade, ambição, validade. Espírito de solidariedade.

Talismans a usar:

Pedra — Opala — símbolo de perdão
Côr — Verde — » » esperança
Flor — Zinia — » » prudência

A Mulher e as Horas

— Tenho que sair esta manhã. Preciso de ir comprar umas coisas para a costureira que vem para cá trabalhar. Que hei-de vestir?

— Sapato branco e preto. Crepe estampado com fundo branco, e desenhos vermelhos ligeiros, com a manga muito rodada, presa acima do cotovelo. Chapéu bretão, grande, em palha branca ou em côr natural. Saca na côr do estampado.

— Vou almoçar ao restaurante. Que hei-de levar?

— Tailleur cinzento com a blusa róxa, tóda em bainhas abertas — inteiramente. Chapéu róxo, assim como a flor da botoeira. Sapatos, meias, saca e luvas cinzentas.

— Tenho um cocktail em casa das Vilares. Ponho o vestido novo?

— Crepe marocain preto com aplicações de serpente dourada. A roda tóda à frente, manga comprida rodada, presa, no pulso. Sapato, luva e saca em serpente preta. Chapéu-pastilha sôbre o olho direito — palha bakou com flores em tom pastel e véu claro.

— Vou jantar fora. Levo o vestido que pus ontem.

— Peau d'ange vermelho escuro com cinto drapé a cortar em azul rei. Colar de safiras. Canotier dos dois tecidos. Saca, luvas e sapatos em camurça vermelha escura.

— O baile deve ser bom. Estou hesitante... o de saile ou a blusa de renda branca sôbre a sala preta? Não; antes o outro.

— Tule preto com raminhos de miosotes polvilhando tóda a saia que tem muita roda. Combinação tóda em renda preta. No cabelo, guarnição de miosotes. Sapatos negros e, na mão, a caixa dourada e grande como um sobrescrito dos maiores: a linda minaudière.

Sport



Preparativos para uma competição. Do «gasolina», o treinador dirige o ritmo da remada

AS REGATAS NO TAMISA

O nosso Tejo não se assemelha em nada ao Tamisa. Diante de Lisboa e a caminho da sua foz, o nosso rio é magstoso, amplo e ricamente emoldurado, mas tem quasi aspecto dum pequeno mar, por vezes bravio, de ondulação larga, outras vezes, quasi sempre de superficie inquieta e por isso imprópria para os frageis barquitos de concursos de remo. Por isso mesmo, é difficil mostrar na capital uma boa pista para regatas. Ao contrario, o Tamisa, a oitenta quilómetros da foz, quando começa coleando graciosamente pelo centro da capital britânica, torna-se, pela sua quietude e pela enorme massa de água que se aperta entre as duas margens um rio de eleição para a prática do remo, sobretudo de competição. Por isso mesmo, a Inglaterra ocupa a vanguarda dos países que cultivam esse excelente desporto náutico.

Aliás, os ingleses possuem, duma maneira geral, a compleição fisica mais própria para este desporto. As embarcações modernas, do tipo «Shell» são excepcionalmente estreitas e leves e requerem para elas homens magros e altos. Não se rema com os braços mas com as pernas, formando duas alavancas fundamentais, com pontos de aplicação nos pés, joelhos e nos

quadrils. O inglês é, por isso, o remador por excelência.

Ao oeste da cidade, de Chelsea em diante e numa extensão

de muitos quilómetros há uma infinidade de clubes náuticos. O London Rowing Clube e o Thames Rowing Clube são os dois principais clubes, que entre eles disputam a supremacia.

As regatas do Tamisa, por tudo isto, possuem renome internacional. A Henley Regatta é a mais importante e a mais famosa entre todas as competições mundiais. Excede, até, os campeonatos europeus em importância desportiva e acontecimento social e mundano. Estas célebres regatas são reservadas a amadores e organizadas pelos dois já referidos clubes ingleses e os clubes de Eton, Cambridge e Oxford. É uma competição internacional. Ao Tamisa, desde 1839, acorrem em julho as mais categorizadas tripulações de todo o mundo.

As regatas realizam-se em Henley, e comportam oito provas, em diversas especialidades. Em 1839, realizou-se apenas a prova de oito remos. Nos anos seguintes iniciaram outras modalidades e hoje as regatas abrangem todas as categorias de barcos.

Todavia, estas regatas, que reúnem as principais equipas de todo o mundo, não conseguem igualar em emoção popular, nem em interesse desportivo, as regatas inter-universidades. Cambridge e Oxford, os dois tradicionais e mais afamados centros universitários ingleses, mantêm uma rivalidade desportiva que atinge na sua regata anual o ponto culminante. Todos os desportos são praticados pelos estudantes. O box possui ali apaixonados cultores e chega a haver entre os académicos das duas universidades campeonatos que são duríssimas batalhas; o futebol, o cricket, o basket, o tennis, todos os desportos são motivo de educação inglesa e de competição entre os alunos daquelas duas universidades. Mas a regata Ox-

ford-Cambridge possui tais perspectivas de interesse desportivo, que uma simples regata entre estudantes apaixonou a mundo inteiro.

Para o estudante inglês, correr em competições a remos no clássico percurso das quatro milhas e meia entre Putney e Mortlake, é a maior aspiração desportiva; é um titulo de orgulho atlético; é uma honra que poucos atletas alcançam. Aos remadores ingleses mais célebres diz-se, como síntese do seu valor: aquele, correu por Oxford contra Cambridge, e vice-versa.

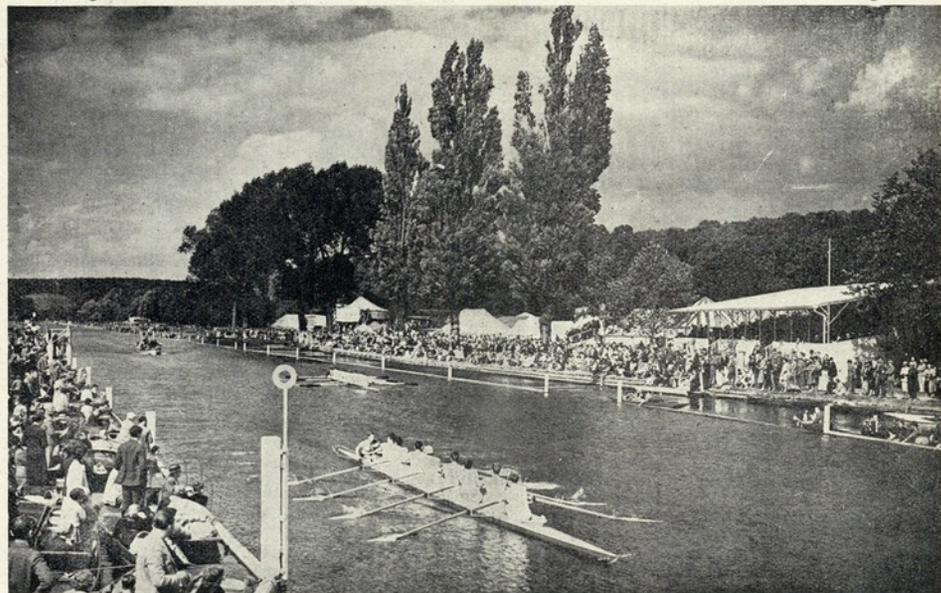
A primeira corrida inter-universidades teve lugar em 1829, mas só em 1856 a competição tomou feição regular, disputando-se anualmente.

Nas últimas 86 corridas efectuadas, Cambridge levou a melhor, ganhando $\frac{45}{100}$ vezes contra 40 vezes de Oxford. E, num ano, os dois barcos chegaram a par, tendo sido impossível dar a decisão a favor de uma, pelo que se decidiu pelo empate. Este último ponto e o número de vitórias que cada uma das equipas tem obtido revela bem como as duas Universidades possuem um valor desportivo muito semelhante que torna ainda mais propicia a rivalidade desportiva que tanto entusiasma os estudantes ingleses.

O record da prova estava em 18 minutos e 29 segundos, estabelecido pela tripulação de Oxford em 1911 e assim se manteve mais de 20 anos. Só em 1934, Cambridge conseguiu bater a sua rival, alcançando o tempo admirável de 18 minutos e 3 segundos, que ainda se mantém.

A pesar-da Guerra, a actividade desportiva inglesa não paralisou e, por isso, este ano, as regatas do Tamisa voltarão a prender a atenção dos estudantes das duas famosas Universidades.

Cândido de Oliveira



As Universidades rivais batem-se mais uma vez. As equipas de «oito» de Oxford e Cambridge disputam a tradicional regata perante uma assistência entusiástica e numerosa

TENTAÇÃO

Novela adoptada por Jerónimo Navarro

CLOTILDE, na volta do trabalho, atravessava o pátio daquele enorme edifício onde tinha alugado um quarto, quando a porteira a chamou:

— Menina Clotilde! Menina Clotilde! faça favor. Tem aqui um presente, que vieram trazer do «Avenida Palace».

Clotilde voltou atrás. A boa mulher, desembrulhando o pacote, disse-lhe:

— Veja... um lindo ramo de rosas e uma carta...

E, entregando tudo à gentil rapariga, aduziu:

— Que sorte a sua! Eu, também, quando era nova...

A rapariga enrubescou ao ouvir os comentários da porteira e afastou-se com o ramo.

Chegada ao seu quarto que, pelo gosto com que estava mobilado, mais parecia refúgio de boneca que quarto de residência, obedeceu ao capricho de prolongar o mistério que envolvia aquela galante oferta. Colocou o ramo e a carta sobre a mesa de «toilette». Depois, descalçou as luvas e tirou o chapéu. Quem seria o autor daquela prenda? Alisou o cabelo e, como de costume, não pôde escapar à tentação de admirar, no espelho, o brilho dos seus olhos e o rosado do rosto. Quem seria o autor daquela prenda? O exame, diante do espelho, deixou-a contente e, então, recordou o galanteio que tinha ouvido nessa manhã: «Parece um pagem florentino». Enfim, satisfeita consigo mesma, decidiu-se a preparar o jantar.

Negligentemente abandonado no «toilette», o bonito ramo parecia surpreender-se de esquecido. As rosas brilhavam e pareciam mesmo olhos carregados de censuras.

Por fim, Clotilde decidiu-se a pegar nelas. Eram realmente formosas. Frescas, viçosas e perfumadas, enchiam de delicioso aroma o ambiente. Abriu o envelope. Leu o seguinte:

«Alguém que a ama e que espera vê-la amanhã à saída do Banco»...

Riu satisfeita, riu com um riso fresco, cristalino, como se fora um hino à sua juventude e à sua própria beleza. Pensou: «Um apaixonado anónimo. Um desconhecido ferido por uma grande paixão!» Quis sorrir de novo, mas não o conseguiu.

NA verdade, verdade, ela não ignorava a procedência da florida oferta. Recordou dois grandes olhos negros, um rosto moreno, um sorriso aca-

riciante... e uma voz quente e sedutora.

«Alguém que a ama»... Palavras mágicas, palavras formosas. Sentiu-se enternecida, emocionada.

O mancebo evocado por Clotilde ia, todas as manhãs, ao Banco onde ela trabalhava. Aparecia por volta das onze, muito elegante, muito perfumado, mas sem afectação. Inclina-se, por breves instantes, o seu perfil de grande senhor sobre a secção de câmbios e, depois, sorrindo para a empregada — fazia-o ternamente — pedia:

— Mil francos, menina.

Já o conheciam no Banco por este apodo: «O homem dos mil francos».

Aproveitava sempre êsses breves instantes da operação bancária para dirigir algumas palavras a Clotilde, em cujos ouvidos deslizava por vezes algum discreto murmúrio no momento de despedir-se, mas sempre nobre e cordial. No dia seguinte, procedia do mesmo modo. Clotilde ouvia dizer às suas colegas:

— Um aristocrata húngaro, certamente um conde. Porque não dizes que te leve consigo?

Com efeito, tratava-se do conde Stakoski. Clotilde sabia perfeitamente. Mas, não se deixava iludir por elegâncias nem alimentava pretensões ridículas. Não se deixava tentar, enfim, pelo sortilégio duma aventura que lhe poderia trazer um amargo e cruel futuro. Fugir?! Viveria o idílio dum dia ou pouco mais... Isto não lhe agradava nada e, de si para consigo, dizia: «Quando Clotilde amar, será para sempre, para toda a vida».

Deste modo, tenazmente aferrada ao seu passado honesto e à sua íntima noção dum amor romântico, Clotilde lutava denodadamente com a tentação que a envolvia.

Releu de novo: «...que espera vê-la, amanhã, à saída do Banco»...

A gentilíssima rapariga, meio sorridente, disse para si mesma: «— Esperar um grande bocado sr. conde Stakoski. Deve ser algum menino mimado e pródigo, que delapidada herança paterna a todo o vapor»...

Dias depois, Clotilde encontrou nos diários o nome do conde seu pretendente. Aparecia em todos os centros mundanos. E, então, pensou que êle, por força, falaria e dançaria com formosas e decotadas damas, às quais faria certamente a corte...

Clotilde srefeu ao fazer estas conjecturas. Depois sor-



riu-se. «Com que então, ciumenta? Que enorme tolice!»...

Nessa noite, sonhou. Encontrava-se no Estoril, à hora do banho, entre muitas outras damas do «Avenida Palace». Tão bonita como algumas, e mais inteligente e fina que muitas delas, não tinha por que se lastimar. Os homens acercavam-se dela, muito respeitosos, e beijavam-lhe a mão. Ela tinha dedos afuselados, unhas rosadas... Vestia um pijama japonês e chamavam-lhe senhora condessa Stakoski...

POR detrás da divisória, onde trabalhava, Clotilde espera agora, com impaciência, que chegue a hora da saída. É o seu último dia de trabalho no Banco. Finalmente, está decidida... Lutou toda a noite, mas em vão. Vencida pela mágica tentação, vai entregar-se à difícil aventura. Toda a manhã, agitada por um estado febril, mescla de ansia e alegria, o esteve esperando. Porém, êle não apareceu. Já disse para consigo, como a consolar-se: «Êle está, certamente, próximo da porta de saída». Agora, como se sente feliz! Dentro de pouco tempo, dentro de meia hora, talvez menos, virão por ela, levá-la-ão para longe, e será amada para sempre ou por algumas semanas. Mas, que lhe importa? Ela procurará ser amada para toda a vida...

Clotilde nada receia. Sonha, é feliz... Já se vê condessa, num palácio magnífico, servi-

da por inumeráveis lacaios... Todo o mundo lhe faz reverências, se interessa pelo seu bem estar, a admira e adula...

E, tão embriagada está de esperanças, que não ouve uma das suas colegas, a secretária do director, entrar na secção.

A colega diz-lhe:

— Clotilde: Já sabes a grande novidade? O famoso conde Stakoski, o homem dos mil dólares... acaba de ser preso! Dois agentes da Investigação prenderam-no, aqui mesmo, à porta do Banco. O director gerente foi informado de tudo e há dois ou três dias que o burão era seguido de perto...

— Burlão? — exclamou Clotilde, muito pálida.

— Burlão, sim. E queres saber quem é afinal, esse «conde húngaro»? Um conde austriaco, antigo empregado bancário que, em Viena, já havia conseguido roubar um milhão de coróas! Que patife hein? Avalia lá o número de vítimas que êle deve ter feito!...

CLOTILDE voltou a sua casa a pé, como todas as noites, mas não olhou para as montanhas — tão sedutoras! — de perfumes, bonitos tecidos e joias.

Ao penetrar no seu quarto, explodiu em pranto, que, pouco a pouco, a foi acalmando e trazendo à realidade.

Experimentou, por fim, a doce sensação de que aquelas lágrimas eram de alegria: havia salvo o seu passado honesto da diabólica tentação de um instante.

EXAUSTO antes



da hora de deitar?

Sonolento depois das refeições? Cansado ao cair da tarde? De mau humor, aborrecido? Dores de cabeça, nas costas e nas pernas? Pêso nas pálpebras?

Tudo isto são sinais de prisão de ventre.

Evacua com regularidade? Muitas pessoas, cujas funções intestinais parecem regulares, sofrem de prisão de ventre, sem darem por tal. Não eliminam completamente, e, assim, acumulam venenos no sangue.

Para êstes casos, existe um bom remédio: — tomar, tôdas as manhãs, uma «pitada» de Sais Kruschen. Esta «pequena dose» contém precisamente os sais minerais que são necessários para assegurar o perfeito funcionamento intestinal. Os venenos são expulsos de todo o organismo e a saúde acentua-se dia a dia.

A pitada de

KRUSCHEN

basta para que se sinta optimamente

Toma-se com o chá ou em água quente. Kruschen vende-se em tôdas as farmácias, a 17\$00 e 10\$00 escudos o frasco.

ESTAS DUAS PASTILHAS

acabam a INDIGESTÃO

SOFRE de indigestões? E' em 80 segundos atormentado pela flatulência, acidez ou uma dor aguda no estômago? Está aqui o remédio que procura. Duas Pastilhas Rennie, dissolvidas lentamente na água, dar-lhe-ão rápidos alívios. Não se fazem esperar os resultados dêste tratamento. Verifique como a dor desaparece à medida que chupa as pastilhas. Passados 80 segundos o excesso de ácido é completamente neutralizado e volta o bem estar.

O excesso de ácido é, geralmente, a causa das indigestões. A melhor forma de neutralizar a acidez é tomar duas Pastilhas Rennie. Estas pastilhas actuam de três formas. Contêm anti-ácidos que neutralizam a acidez; absorventes que reduzem a flatulência; e fermentos que activam a digestão. As Pastilhas Rennie são usadas e recomendadas por 1.198 médicos ingleses. Tôdas as farmácias as vendem. Pacote pequeno 6\$00, grande 2\$00.

PASTILHAS

RENNIE

NÃO PRECISAM ÁGUA

A VIDA DE CHURCHILL

(Conclusão da pág. 19)

a sua confortável propriedade de Bournemouth onde uma floresta conduzia, através de ondulações arenosas e falésias, às praias baixas da Mancha. Era um lugar pouco convidativo. No meio havia uma vala profunda que se estendia até ao mar. Por cima dela uma ponte improvisada de cerca de setenta metros.

Eu tinha então dezoito anos e estava em férias. Meu irmão mais novo, que tinha doze, e meu primo, de catorze, propuzeram-me correr com êles. Ao fim de vinte minutos estava sem fôlego e resolvi atravessar a ponte. Quando cheguei ao meio vi, com tristeza, que os meus companheiros se tinham separado de mim indo colocar-se nas extremidades da ponte, a fim de me apanharem. Num abrir e fechar de olhos concebi um projecto audacioso. A ravina, que corria por baixo da ponte, tinha alguns pinheiros cuja ramaria chegava ao nível do caminho. Não seria possível saltar para uma destas árvores e deslizar ao longo do tronco, até ao chão? Medi a distância, calculei as possibilidades de êxito e aproximei-me do parapeito. Os meus companheiros permaneciam vigilantes nas extremidades da ponte. Mergulhar ou não mergulhar, eis a questão! Um segundo depois atravessei-me com os braços estendidos para agarrar os ramos duma das árvores. O meu raciocínio era justo mas os dados do problema estavam errados. Só voltei a mim três dias depois e deixei o leito passados três meses. Caíra em terreno duro, duma grande altura. A queda fôra ligeiramente atenuada pelos ramos dos pinheiros. Minha mãe, chamada por um comunicado alarmante que lhe dizia que eu saltara a ponte e perdera a fala, acorreu rapidamente com socorros energicos e um «cognac» inoportuno.

A minha família tem, como principio assente, que, em caso de acidente grave, se deve recorrer ao médico mais competente sem procurar saber quanto isso custa. Para me tratar foram chamados distintos especialistas. Mais tarde, quando comeci a perceber o que se passava à minha volta, fiquei comovido, e também lisongeado por saber o montante de honorários fabulosos que a minha doença custara. Meu pai chegou no rápido de Dublin, onde fôra passar o natal com o velho Lord Fitzgibbon, conhecido pelas brilhantes recepções que dava. Trouxe consigo os melhores cirurgiões de Londres. Entre as diversas avarias que eu apresentava havia uma rotura do rim. A arte dos cirurgiões e à minha vontade de viver devem os leitores o prazer de estar lendo esta história. Mas durante um ano mal soube que vivia. No Carlton Clube a minha doença fôra objecto de algumas ironias.

— Ouvi dizer que o filho de Randolph teve um grave acidente.

— Com certeza?

— E' certo. Brincava aos chefes e queria que os outros o seguissem.

— Por êsse lado o pai não tem nada a temer. Ninguém o seguirá.

O govêrno conservador fôra derrubado, apenas por quarenta votos, em seguida às eleições do verão de 1892. Gladstone voltara ao poder com o auxilio dos nacionalistas irlandeses. O novo parlamento reuniu-se para consagrar a mudança do govêrno. Segundo um hábito, sensato e feliz daquele tempo, deram-lhe umas férias de seis meses. Esperava-se, com impaciência, a nova sessão legislativa de 1893 e o recomeço da luta para o Home Rule. Entre nós a derrota do partido conservador não produziu grande efeito. Em seguida à doença trouxe-me para Londres. Do leito segui, com o maior interêsse, os acontecimentos políticos. A politica era para mim, nesse tempo, uma coisa vivida e real. Em todos os degraus da escala social, as classes superiores acompanhavam-na por hábito ou por dever. Os trabalhadores, os que exerciam e os que não exerciam o seu direito de voto, também cultivavam a politica por desporto. Acompanhavam os negócios públicos como depois acompanharam o cricket e o futebol. Sabiam muito bem quais eram os homens públicos que estavam em condições de exercer o poder. Os jornais acompanhavam as flutuações da opinião pública que era, ao mesmo tempo, a das classes superiores.

De comêço beneficii das atenções numerosas que é costume atribuir aos doentes. Segui, com um interêsse apaixonado, a última batalha parlamentar de Gladstone. A atracção dessa batalha pesava mais no meu espirito do que a ameaça temível do exame a que deveria ser submetido.

Desde que entrei em convalescença comeci a ir à Câmara dos Comuns, para assistir aos debates importantes. Consegui mesmo introduzir-me na galeria dos convidados de categoria, quando Gladstone apresentou o projecto de «Home Rule». Recordo-me perfeitamente da cena e dos incidentes que a acompanharam. O velho Gladstone parecia uma grande água branca, ao mesmo tempo esplêndida e feroz. As frases do seu discurso desenrolavam-se majestosamente. Tôda a gente parecia suspensa dos seus lábios, impaciente para o aplaudir ou para o criticar. Chegou uma altura em que exaltava o partido liberal que, desde que se comprometia por uma causa, não a abandonava mais. Mas enganou-se e disse ao falar do «Home Rule»:

— Não há nenhuma causa pela qual o partido liberal tenha sofrido tanto e tenha descido tão baixo.

Era um espectáculo digno de se ver, o dos conservadores levantados, a soltar exclamações de alegria. Gladstone, sacudindo a mão direita, e afastando os dedos, como garras, apaziguou o tumulto para concluir:

— Mas levantou-se depois.

Adaptação de CARLOS FERRÃO

“Acredite-me
êste novo ali-
mento da pele
**SUPRIME
AS RUGAS**”



O seu efeito sobre a minha pele foi quasi mágico. Em duas ou três semanas, parecia dez anos mais nova. O alimento Tokalon rosa — segundo me disse um especialista — contém o Biocel, surpreendente descoberta do Dr. Stejsket, Professor da Universidade de Viena. O Biocel é extraído da pele de animais novos cuidadosamente seleccionados — é um extracto precioso igual aos ricos elementos duma pele humana, nova e sã. Aplique o Creme Tokalon — Biocel. Alimento para a pele tôdas as noites antes de se deitar. Nutre e rejuvenesce a pele durante o sono. De manhã ponha o Creme Tokalon. Alimento para a pele de Côr Branca (não gorduroso), para tornar a pele fresca, clara e doce como o veludo. Felizes resultados são garantidos, com os Cremes Tokalon. Alimentos para a pele. Caso contrário devolve-se o dinheiro. A venda em tôdas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva para o Depósito Tokalon, Rua da Assunção, 88 - 2.º — Lisboa — que atende na volta do correio.





Jack Holt, numa cena do empolgante filme policial «O Boato é um Crime»

AS POSSIBILIDADES EDUCATIVAS DO CINEMA

Elementar princípio de pedagogia que o valor de qualquer processo educativo depende, essencialmente, do interesse que ele desperta no educando. Tudo quanto cansa e aborrece, dentro daquela escala de conceitos estabelecida para todas as idades, é anti-pedagógico. Procura-se, pois, segundo as concepções mais modernas, atrair os alunos das diferentes classes, especialmente as primárias, pelo prazer que é possível proporcionar-lhes. Quere dizer: tenta-se a educação indo ao encontro das predileções infantis, conduzindo ao estudo. É necessário, todavia, notar-se que educação não é o mesmo que instrução. Há, entre as duas designações, uma distância infinita, quando é certo que, na primeira, intervêm, além da escola e do lar, todos os factores susceptíveis de influir no espirito da mocidade. Quando se fala em educação, implica considerar tudo quanto pode contribuir para a formação de carácter.

Dentro dos campos capazes de orientar a formação psíquica da juventude, o cinema desempenha um papel de excepcional interesse. Ninguém ignora a influência da literatura na formação mental da infância quando os educadores lhe permitem a leitura de obras que uma infinidade de autores-comerciantes lançou para explorar as naturais inclinações infantis. Era a praga dos «Texas-Jack» e dos «Sherlock Holmes» que se traduziam nas brincadeiras dos «policiais e ladrões». E o cinema, transformando os caracteres em imagens, proporcionava novas fontes de sedução.

Entendeu-se, tadavia, e muito bem, que era possível ir buscar ao cinema um salutar manancial de obras educativas. Surgiram as biografias; de que «Pasteur» e, mais modernamente, «Tom Edison, o pequeno génio» são as mais representativas, e sobretudo êsses maravilhosos «filmes» coloridos de desenhos animados.

Nos melhores autores, busca-se o conceito moral que o cinema transporta para a tela em imagens de excepcional beleza. Como dizia o nosso grande Junqueiro:

As almas infantis são brandas como a neve,
São pérolas de leite em urnas virginais:
Tudo quanto se grava e quando ali se escreve
Cristaliza em seguida e não se apaga mais

Onde é possível encontrar elemento que mais intimamente penetre no cérebro das crianças do que o cinema, que permite arrancar a uma obra todos os encantos plásticos?

Em Portugal, o «desenho animado» é um género ainda por explorar. Aliás, como todo e qualquer género essencialmente educativo.

O cinema, como elemento de ensino das ciências que a ele mais facilmente podem recorrer, como as naturais, geográficas e físico-químicas, ainda não entrou nas nossas escolas. E, se era possível obtê-lo por importações, também não era difícil produzi-lo no nosso país. Não poderia, evidentemente, deixar-se a sua realização aos produtores que, com eles, não colheriam interesses compensadores, além de que era imprescindível a orientação superior de um estabelecimento competente subordinado, com certeza, ao Ministério da Educação.

Mas, no que respeita aos filmes simultaneamente recreativos e educativos — e voltamos a insistir nos «desenhos animados» — a tarefa era mais fácil e mais compensadora. Desenhadores não nos faltam e hábeis. Na nossa literatura encontraríamos bastos argumentos. E, parece que os recursos técnicos de que dispomos também são suficientes.

Porque não tentar?

R.

CINEMA

PRODUÇÃO

John Justin, na «R. A. F.»

Chegou a Nova-York, o actor John Justin, vindo de Hollywood, com destino a Inglaterra, onde vai ocupar o seu posto na «Royal Air Force». A sua primeira aparição no cinema efectuou-se em «O Ladrão de Bagdad», onde interpreta um dos primeiros papéis.

O alto comando da «R. A. F.» concedeu a necessária autorização a John Justin para se deslocar à América, a fim de tomar parte nas últimas sequências daquele filme que, devido à guerra, não pode ser concluído em Londres.

Uma comédia admirável:

«Os Ciúmes de Blondie»

As comédias da Família Blondie têm tradições. Impõem-se pela graciosidade, viva e comunicativa, das suas situações, tão desconcertantes como inenarráveis. A mais recente película desta alegre série intitula-se «Os Ciúmes de Blondie». É admirável, cheia de espirito, de alegria e de sentimentos frescos. Desta vez, a proverbial «loucura» da Família Blondie, o seu feitio excêntrico e as suas novas aventuras, urdidas em volta de um original caso de ciúmes, têm neste delicioso filme uma interpretação burlesca tão notável que desafia o mais sisudo...

Um filme audacioso

Um dos filmes mais audaciosos e discutidos, na hora que passa, é, sem dúvida, a recente película, de Boris Karloff, intitulada «Ressuscitados». Pode afirmar-se que se trata, de facto, de um filme dentro da tradição dos bons espectá-

culos, viris e emocionantes, que ajudaram a fazer o prestígio do cinema americano. Poucas são as vezes em que nos é dado admirar uma obra neste género, tão rica de interesse e emoção. O conflito, que coloca o público em presença de uma maravilhosa realização de Nick Grinde, gira em volta de um sábio, que descobre o prolongamento da vida. É possível, após a morte, regressar à vida? Ele sujeita-se à experiência... vive!

27 anos de explorações

e descobertas maravilhosas

Entre as mais célebres produções da actualidade cinematográfica, há uma que representa a epopeia da mais destemida e audaciosa mulher do nosso século. Intitula-se «Casei com a aventura». A sua realização trás a chancela de Osa Johnson, a primeira mulher, de raça branca, que penetrou nas selvas de Africa, Asia, Austrália e Borneo e trouxe, para a tela, sem truques, todos os segredos das traiçoeiras florestas virgens por onde andou passando a sua incrível audácia...

«Casei com a aventura» é um espectáculo inédito, sensacional, que galvaniza os nervos do mais indiferente. Durante as filmagens das suas emocionantes e surpreendentes surpresas, Osa Johnson demonstrou, em companhia de seu marido, Martin Johnson, uma espantosa presença de espirito. Quanto maior era o perigo, mais ela se sentia atraída por êle. Isto durante 27 anos!

«Casei com a aventura» é a história desses 27 anos de explorações e descobertas maravilhosas!

A. L.



Uma sugestiva imagem da notável película «Proibidos de Amar» que marca a reaparição nas nossas telas, da talentosa vedeta Jean Parker



Uma das mais belas cenas do magistral filme **"A VIDA DE EMÍLIO ZOLA"**
GRANDE EXCLUSIVO DA S. I. F. EM EXIBIÇÃO NO "SÃO LUIZ"
SUPER-PRODUÇÃO WARNER BROS. COM PAUL MUNI

MUNDO GRÁFICO



As
metralhadoras
dêste
bombardeiro da R. A. F.
que regressou intacto
funcionaram
admiravelmente